

CINQUENTA E

DOIS ANOS

DE

EMOÇÃO

MARIA FRANCIMAR TELES DE SOUZA

Atena
Editora
Ano 2024

CINQUENTA E

DOIS ANOS

DE

EMOÇÃO

MARIA FRANCIMAR TELES DE SOUZA

Atena
Editora
Ano 2024

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 A autora

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pela autora.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva da autora, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal de Uberlândia

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Thiago Barbosa Soares – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Nataly Evilin Gayde
Correção: Andria Norman
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: A autora
Autora: Maria Francimar Teles de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729 Souza, Maria Francimar Teles de
Cinquenta e dois anos de emoção / Maria Francimar Teles
de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2603-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.035241107>

1. Autobiografia na literatura. 2. Conto. 3. Crônica. 4.
Coletânea. I. Souza, Maria Francimar Teles de. II. Título.

CDD 808.06692

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Dedico este livro aos meus filhos: Fabiana, Flaviane e Fábio Filho
por todo carinho, amor e atenção em todas as fases da minha
vida.

Durante minha vida, tive a oportunidade de conviver com pessoas que contribuíram significativamente para meu crescimento pessoal e profissional, mas destaco aqui todos que particularmente me apoiaram financeiramente ou emocionalmente para que não desistisse dos meus sonhos nem de minha vida, por mais difícil que parecesse.

Agradeço:

Primeiramente a Deus, por me permitir continuar viva e com tantas bênçãos em minha vida.

Aos meus filhos, Fabiana, Flaviane e Fábio Filho, por sempre me apoiarem em todas as decisões, suportando minhas ausências por várias vezes.

Ao meu ex-marido, Francisco Fábio, por ter dividido a responsabilidade de cuidar dos nossos filhos quando precisava me ausentar.

Ao meu tio, Antônio Teles de Pontes (*In memoriam*), por ter acreditado em mim e investido em meus estudos, mesmo com todas as dificuldades que enfrentou.

À minha mãe, Maria Matildes Teles (*In memoriam*), por ter me apoiado a continuar estudando mesmo quando todas as circunstâncias contribuíam para que não o fizesse.

Aos meus irmãos: Márcia, Sônia, Valter, Cícero (*In memoriam*) e especial Francineuma, que é como uma filha, por sempre acreditarem em mim e me ajudarem a enfrentar as dificuldades que foram surgindo durante esses cinquenta e dois anos.

À minha tia, Maria de Deus – Dedeza (*In memoriam*), que sempre tinha palavras de orgulho e incentivo para que eu continuasse estudando e escrevendo.

À minha madrinha Liu (Maria Quitéria de Lima) que sempre teve um carinho e atenção especial por mim, desde a infância.

À toda a minha família, de sangue e do coração, por fazerem parte de minha vida e acompanhar-me nas diversas situações.

À ex-secretária de educação do município de Aurora, Glória Maria, que mesmo sendo adversária política, estimulou e oportunizou o meu crescimento acadêmico com palavras e ações que possibilitaram cursar meu primeiro mestrado.

À minha professora de Português, do Ensino Fundamental, dona Socorro Dias, que me fez aprender a valorizar a escrita e a leitura em todas as suas formas.

Às minhas professoras do ensino médio, Fátimas Oliveiras, isso mesmo! As duas tinham o mesmo sobrenome, e tiveram a mesma importância na minha formação, por sempre acreditarem em meu potencial e me estimularem a acreditar em mim mesma e superar meus medos.

Aos médicos e enfermeiros que cuidaram de mim e possibilitaram minha recuperação de tantas cirurgias e doenças.

Este livro é uma coletânea de contos e crônicas baseadas nas vivências que tive durante meus primeiros cinquenta e dois anos. Os nomes que citei, reais ou fictícios, foram para agradecer o quanto contribuíram para eu continuasse vivendo e realizando meus sonhos. Quem conviveu ou convive comigo, mesmo por pouco tempo; me conhece ou já ouviu falar de mim, será capaz de identificar cada fato que fez e faz parte de minha história, dando sua preciosa contribuição para o meu crescimento pessoal e profissional, assim como se emocionar com as situações descritas em cada crônica criada com base em fatos reais ou não.

Pode até ter alguém que discorde de minha versão, mas destaco que escrevi da forma que senti e vivi cada momento, tentando retratar em cada conto ou crônica os sentimentos despertados em mim e nos que fizeram parte de cada situação. E talvez até em quem estiver lendo agora, que mesmo não tendo convivido comigo teve a felicidade ou tristeza de vivenciar algum acontecimento que está descrito nos contos ou crônicas, os quais mesmo com um tom ficcional terminam acontecendo em nossas vidas, vez por outra.

Assim, espera-se com esta obra, poder despertar as mais diversas emoções em cada pessoa que tiver o desejo ou a curiosidade de conhecer um pouco deste livro, que está escrito de uma forma que não se precisa de uma sequência lógica para leitura podendo-se ficar à vontade para ler na sequência que foi escrita, por títulos ou da forma que desejar!

Será uma viagem capaz de proporcionar a descoberta de sentimentos antigos, novos ou mesmo relembrar situações que já viveu ou que ainda deseja viver. Haverá horas em que se pensará: será que isso aconteceu realmente ou é só imaginação? O que importa realmente é você mergulhar nas histórias aqui escritas e ler... ler... ler... Todas ou apenas algumas destes contos e crônicas aqui apresentados.

Francimar Teles (Fran)

AS ORIGENS	1
A INFÂNCIA	2
O PRESENTE INESQUECÍVEL DA MADRINHA	3
AS AVENTURAS	5
AS REFEIÇÕES	7
NO PONTILHÃO, NO BINGO OU NA ESTAÇÃO?	8
BANHO FRIO.....	9
AS TERTÚLIAS	10
UM JEEP NA MINHA VIDA	12
ANDANÇAS	13
NO JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO	14
AS ENCHENTES.....	15
AS ESCOLAS.....	17
AS VIAGENS DE ÔNIBUS.....	19
UMA MÁQUINA DE ESCREVER.....	21
A TRAGÉDIA.....	22
A MUDANÇA	23
A GUARDA.....	24
UM SONHO ADIADO.....	26
FINALMENTE PROFESSORA	27
A UNIVERSIDADE.....	28
NOVA FAMÍLIA	29
A COR DE UMA MÃE	30
QUANTAS PAIXÕES	31
A CASA AMARELA	32
UM ANO DE MUITAS PERDAS	33
A REALIZAÇÃO.....	34

EM OUTRO PAÍS.....	35
O AMIGO INSEPARÁVEL	36
A DECEPÇÃO.....	37
UMA APROVAÇÃO, GRANDES DESILUSÕES.....	38
A DESCOBERTA	39
UM MILAGRE.....	40
OUTRO MILAGRE	41
AS LIMITAÇÕES	43
A PANDEMIA.....	44
UM GRANDE AMOR	45
CINQUENTA ANOS	46
REFERÊNCIAS	47
SOBRE A AUTORA	48

AS ORIGENS

Minha mãe nasceu em Ingazeiras, onde também nasci, um distrito do município de Aurora com pouco mais de 2.000 habitantes. Um local pequeno, praticamente só com uma rua, mas bem aconchegante onde todo mundo se conhece e se preocupa com os outros. Entretanto, nunca conheci meus avós maternos pois, segundo me contaram, minha mãe foi abandonada por minha avó assim que nasceu. Minha tia que tinha ido visitá-las se compadeceu daquela recém-nascida abandonada no chão e pediu à minha avó adotiva para criá-la já que a mãe ninguém sabia para onde tinha ido. Contam que minha avó biológica tinha problemas mentais e que por isso abandonou a menina, o que tronaria essa ação compreensiva visto que não saberia por que estava fazendo uma coisa dessa. Embora tenha muita gente que faça conscientemente!

Minha tia era solteira e ainda morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos em uma casa bem ampla e com ótimas condições, já que era de uma família tradicional do Distrito de Ingazeiras, filha de um renomado e reconhecido fazendeiro.

Como a família já era grande, quando minha tia sugeriu adotar minha mãe minha avó, no início, não queria muito aquela adoção repentina, mas minha tia convenceu-a e ela passou a cuidar daquela criança como se fosse sua filha. Porém, a vida não era fácil naquela época, todos trabalhavam na roça e também cuidavam dos animais, principalmente da plantação e das vacas, que era o que a família adotiva de minha mãe mais tinha na época. Assim, a principal fonte de renda era a agricultura e a pecuária.

Todos admiravam a disposição e força de minha mãe. Fazia os trabalhos braçais com a maior facilidade, tanto femininos como masculinos: pilava, moía, botava o gado, tirava leite... Até subia em coqueiros, quando queria comer um coco com rapadura, ou agradar as amigas com um presente natural, que usavam para fazer doces e cocadas.

As pessoas costumavam dizer que minha mãe tinha mais disposição do que alguns homens. Talvez por isso nem imaginavam que um dia fosse arrumar namorado e querer se casar. Mas isso aconteceu. Conheceu meu pai, que também morava em Ingazeiras e com algum tempo começaram a namorar. A família dela não queria porque ele era policial e não tinha muitas condições financeiras. Mas mesmo assim, minha mãe não seguiu os conselhos da família e terminou noivando e casando-se com ele, com quem viveu quase dezoito anos.

A INFÂNCIA

Minha infância foi um pouco tumultuada em virtude das brigas de meu pai, com minha mãe e também com outras pessoas. Mas nem por isso deixei de aproveitá-la. Gostava muito de brincar com as outras crianças e até sozinha. Brincávamos de casinha, esconde-esconde, boneca, melancia, pega bandeira, cobra-cega, e bolinha de gude (bila). Essa última era a que mais gostava, mas minha mãe sempre reclamava porque dizia ser brincadeira de homem. Mas nem por isso deixava de brincar, tendo apanhado muitas vezes por isso.

Também gostava de pular corda, trancelim e rodar bambolê. E olhe que não era só eu! Em todos os ambientes era só o que víamos: na escola, na rua... Eram crianças e adolescentes que adoravam praticar essas brincadeiras. Era trancelim no joelho, na cintura, no peito e até no pescoço. E acreditem: bambolê também. Cada um que queria passar mais tempo rodando ou pulando mais alto. Até os adultos adoravam rodar um bambolê. E não tinha isso de se importar com o sexo. A alegria e diversão eram grandes! Diferente de hoje que pouco ou quase nunca se vê esses tipos de brincadeiras, e muitos ainda criticam se virem algum menino brincando, o que nem um pouco nos importava antigamente e nem deve importar nunca.

Também adorávamos brincar de circo. Eita como era animado: tinha palhaço, bailarina, mágico, até cuspidor de fogo aparecia de vez em quando... Menino era cada um mais desajeitado que o outro! Cada piada sem graça! Mas a diversão era garantida, sempre! Só parávamos quando as mães começavam a gritar chamando Fulano... Sicrano... Não espere que eu vá aí, rrsrs. Então começava a correria, porque se elas chegassem e vissem que tínhamos levado nossos lençóis para fazer as tendas, com certeza ia ficar feio para o nosso lado! Por isso, corríamos levando todos os apetrechos na maior velocidade possível.

Ah, também gostávamos de fazer guisado: levar comida de casa para cozinhar no mato nas mais inusitadas vasilhas: lata de sardinha, de "kitut"... Era cada combinação maluca, sem falar no cheiro de fumaça que a maioria das comidas ficavam! Mas não tinha comida mais saborosa! Pena que era pouca pois nossas mães nunca deixavam levar muitos alimentos pensando que íamos estruir. Imagina! Não sobrava nem para os cachorros que sempre nos acompanhavam. E também tinha umas frutinhas para completar, mas na maioria das vezes, ou quase sempre, rrsr, não levávamos de casa. Pegávamos nos pés que encontrávamos no caminho: podia ser acerola, ciriguela, cajá, manga, laranja, goiaba, cana... O que tivesse estávamos levando, colhidos diretamente dos pés. Sempre estavam deliciosas! Ô tempo bom!

O PRESENTE INESQUECÍVEL DA MADRINHA

Apesar de no início não ter gostado muito de ter como madrinhas de batismo minha tia e minha avó, maternas, porque não poderia chamá-las de madrinha visto que já tinham esse parentesco. Quando cresci vi que as escolhas de meus pais tinham sido certas, pois adorava ficar na casa delas, mesmo minha avó já tendo a idade um pouco avançada gostava muito de conversar com ela. Ela também gostava muito de conversar comigo, assim terminávamos passando horas e horas conversando no seu quarto.

Lembro como se fosse hoje, era um quarto bem pequeno com mais ou menos 2m x 1m5cm de tamanho, onde ela gostava de ficar sentada na rede se balançando, com um balanço bem leve, sempre. Tinham outros quartos bem maiores e mais arejados, mas ela preferia aquele. Talvez porque como era pequenininho, era bem aconchegante.

Também tinha uma cadeira de balanço na sala de jantar que era seu retrato, ficava próxima à parede antes da porta que dava para uma das salas de estar. Era uma cadeira daquelas bem antigas, de madeira boa, bem envernizada, com molas para balanço e palhinhas naturais, daquela amarelas bem clarinhas, que formavam uns círculos nos quais adorávamos ficar colocando os dedos. Ali ela costumava sentar-se por algumas horas após o almoço e também no finalzinho da tarde antes do jantar para receber animadamente a visita dos filhos, netos e sobrinhos, com quem gostava de conversar e brincar.

Nós também gostávamos de conversar com ela e ouvir as histórias que contava da época que era mais jovem, ou talvez até inventadas, nunca saberemos. Mas eram momentos de muito aprendizado e diversão ao lado de minha avó-madrinha e de meus primos, que gostavam muito de ficar reunidos ao seu lado para ouvir suas histórias!

Em uma dessas conversas ganhei uma vaca de presente, o que me deixou muito feliz, pois adorava olhar esses animais. Era rotina todo final de tarde olhar elas sendo colocadas no curral próximo da casa. Também gostava muito de ir cedinho ao curral com um copo na mão para tomar leite tirado na hora. Era uma delícia, bem quentinho! Chega espumava... É tanto que uma vez uma vaca deu cria de um bezerro um pouco doentinho e para cuidar dele minha tia fez cuidadosamente uma cama no quintal e o colocou lá. Sempre que a mãe do bichinho não estava por perto ela olhava como estava, dava remédio, comida e eu aproveitava para ficar só olhando aquela beleza de filhote. Até que um dia minha tia saiu e fiquei lá apreciando o bezerro tão concentradamente que nem percebi a mãe do bichinho se aproximando. Aí já sabe, além do susto foi aquela correria para casa com a vaca me dando chifradas no bumbum. A sorte que minha tia me ouviu gritando e abriu rapidamente a porta e fechou com tanta agilidade que a vaca ficou lá olhando para nós com aquela cara de raiva. Ui que medo! Passei um dos maiores sustos da minha vida!

Mas não deixei de gostar das vacas, principalmente da que minha madrinha me deu. Sempre ia olhar quando ela estava no curral. Com o tempo ela procriou e quando precisamos nos mudar para o Juazeiro já tinha cinco cabeças. Isso foi uma benção pois quando fomos

comprar nossa primeira casa em Juazeiro, vendemos as vacas e só precisamos de mais um pouco de dinheiro para pagar o valor total da casa. Imagina se hoje conseguiríamos comprar uma casa com a venda de umas poucas vaquinhas!

Essa aquisição foi uma felicidade pois era muito ruim viver pagando aluguel, principalmente por conta das mudanças que fazíamos quando o aluguel aumentava muito. E minha mãe ficou tão agradecida por não me importar de vender todas as vacas que reconheceu a minha contribuição e dizia a todo mundo que a casa era minha deixando inclusive no nome de uma amiga para que passasse para o meu nome quando ficasse de maior.

E foi o que aconteceu quando completei dezoito anos, essa amiga dela passou a casa para o meu nome! Agradeço até hoje por existirem amigas tão leais quanto essa, pois quando minha mãe faleceu eu tinha apenas catorze anos e ela esperou atingir a maioridade, sem deixar de me informar sempre para não me preocupar, pois assim que pudesse faria a transferência, como realmente fez! E tenho essa casa como meu bem mais precioso, pois além de ser herança de minha mãe também é uma prova viva de que realmente existem amizades verdadeiras!

AS AVENTURAS

Uma das coisas que gostava de fazer, quando menina, na época de seca, era andar na mata que ficava próxima de casa. Na verdade, ficava após o quintal. Era uma capoeira densa, vegetação secundária composta por gramíneas e arbustos esparsos que na época do inverno fica bem verdinha e na época da seca ficam só os galhos, praticamente sem folhas.

Achava tão bom passar por entre aquelas árvores sem folhas: Era uma sensação maravilhosa ver aquela amplitude de árvores sentindo a imensidão da mata, mas também aquela sensação de não estar sozinha pois era possível ver muitos metros à frente, para o lado e para trás.

Andava horas e horas sentindo aquela liberdade, às vezes encontrava ninhos de rolinha¹, que quando tinha os ovos me contentava em contar e olhar, variando de um a quatro ovos; mas quando tinha filhotes não resistia e levava pra casa, mesmo sabendo que minha mãe não deixaria ficar com eles e obrigaria a soltá-los. Então eu fazia uma choradeira tão grande dizendo que não poderia fazer uma judiação desta com os bichinhos porque a mãe deles não ia mais querer, que ela terminava deixando. Ela era muito durona, mas também muito compreensiva e carinhosa, não resistia a uma apelação sentimental dos filhos. Assim, ficávamos com as rolinhas e ainda pedíamos a ajuda dela para darmos a comida: normalmente um xerém² de milho, molhadinho.

Além das matas próximas de casa também costumava ir muito ao Sítio Traíras, que ficava há alguns quilômetros da sede do distrito de Ingazeiras e era onde meus tios tinham suas maiores plantações, conseqüentemente era lá que costumavam ir trabalhar diariamente, no roçado; sempre utilizando o transporte mais comum para todos de melhores posses na época: o lombo de um animal, ou mesmo a pé, quando não tinha nenhum animal disponível. Não lembro nem se tinha alguém de lá que possuísse carro!

Como o sítio ficava um pouco distante, tínhamos que ir deixar o almoço, a pé, já que os animais eram utilizados pelos adultos, o que não era muito animador visto que pegávamos o sol do meio-dia para fazer a caminhada com as vasilhas na mão, que eram bem amarradas com guardanapos, para não derrarmos a comida. Dava gosto ver e sentir o cheiro da comida por meio daqueles panos tão branquinhos!

A viagem era cansativa, mas também animada, pois quando chegávamos lá aproveitávamos o resto da tarde para nos divertir. Começávamos dando umas voltas nos jumentos que os moradores tinham e que ficavam “descansando” enquanto trabalhavam.

1. Rolinhas são pequenas aves encontradas em todo o território nacional. Ao todo, são catalogadas 8 espécies espalhadas por todas as regiões do país. Semelhantes a pombos, as rolinhas são aves que se alimentam de gramíneas, bem como de grãos que encontram pelo chão e, de acordo com a espécie, também de frutos e sementes.

Fonte: Agro 2.0 em Rolinhas lembram pequenos pombos e podem ser facilmente encontradas.

2. Substantivo masculino [Brasil] Milho pilado grosso que não passa na peneira e serve de comida para pintos.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/xerem/>

Eita que era bom demais! Montávamos nos animais com a ajuda uns dos outros e quando algum “desembestava³” era que a diversão era grande porque todos ficavam esperando só a queda do montador, na maior gritaria. Teve um dia que me desequilibrei e rodei direto ao chão, caindo praticamente embaixo do jumento. Os primos que iam comigo ficaram loucos com medo de que o jumento me pisasse, mas graças a Deus nada aconteceu. Porém, sofri com as risadas deles por muito tempo, passamos meses rindo desse episódio, mesmo na hora tendo sentido vergonha e raiva porque estavam rindo de mim.

Para aliviar o calor depois dessa correria nos animais íamos para o riacho tomar banho, passando uma boa parte da tarde por lá. E não era só nós, até os jumentos levávamos para banhar! Eles também ficavam contentes, não falavam, mas sentíamos isso! Era como se fosse a recompensa que dávamos por termos explorado-os tanto.

Era um riacho pequeno, mas tinha a água tão friinha, tão limpinha, mesmo sendo pouca, era uma delícia! Deitávamo-nos na água para ficarmos cobertos por ela. Era uma sensação maravilhosa, sentir aquela água passando em nosso corpo. Tão geladinha... Huum! Depois íamos para roça, mas não era trabalhar não, imagina se íamos pensar uma coisa dessas! Fazíamos era procurar as melancias maduras e uma boa sombra para sentarmos e matarmos nossa sede com as vermelhas, doces e saborosas melancias colhidas e comidas quentinhas do jeitinho que tirávamos da roça.

Também dava tempo de ir para as mangueiras que não eram poucas, e ainda muito bem produtivas. Uma mais carregada que a outra! Eram mangas de vários tipos e tamanhos, nem escolhíamos, pegávamos as primeiras que encontrávamos. Era cada uma mais doce que a outra, mas confesso que adorava o cheiro da manga rosa e o sabor da manga jasmim da qual comia até as cascas! Ainda hoje gosto muito de manga!

Às vezes os tios pediam para nós ajudarmos a tirá-las para levar para casa. Nós ajudávamos só para poder andar no caçuá, uma espécie de caixa de palha que se colocava nas cangalhas⁴ para carregar as frutas, no lombo do jumento. E como se não bastasse o peso das mangas que o pobre tinha que levar, quando ajudávamos a colhê-las ainda íamos montado no jumento, mesmo ele já estando com uma carga tão pesada! Infelizmente naquela época não pensávamos no sofrimento deles com tanto peso.

3. Verbo intransitivo: Correr desabaladamente; partir apressadamente.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/desembestou/>

4. Substantivo masculino plural: Armação que se coloca no dorso das bestas para sustentar a carga dos dois lados.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/cangalha/>.

AS REFEIÇÕES

Uma das tradições em todas as famílias há alguns anos era realizar as refeições no mesmo horário e, com um detalhe, todos sentados ao redor da mesa “de jantar”.

A mãe colocava todos os pratos e talheres na mesa e colocava o de cada filho, dividindo por igual o que tivesse, fosse no café da manhã, almoço ou jantar. Era sempre a mesma rotina. Não existia esse negócio de cada um comer no horário que quisesse como acontece hoje. Muito menos comer em qualquer lugar: quarto, sala “da televisão”, varanda... Tinha que ser todos no mesmo horário e na mesa. Até para colocar no prato, na maioria das vezes, era mãe quem o fazia, e com todo carinho!

Era bom porque sempre tinha aquele diálogo entre todos os familiares, fosse para falar como foi o dia ou mesmo planejar alguma atividade a ser desenvolvida naquele dia ou mesmo ao longo da semana. Mesmo os que não gostavam de conversar terminavam se envolvendo na conversa ao ponto de demorarmos horas para realizar cada refeição. Não tinha nada melhor, por mais que os alimentos não fossem tão saborosos ou abundantes para os que se alimentavam.

NO PONTILHÃO, NO BINGO OU NA ESTAÇÃO?

Morar em um distrito é algo que traz consigo a vivência tranquila e sem muitas atividades de lazer. Como em todas as cidades pequenas, é costume as pessoas se reunirem para conversar no final da tarde ou início da noite, nas calçadas ou em outro lugar. Colocar o “papo” em dia. Porém, no Distrito de Ingazeiras os homens costumavam se reunir em um local inusitado: no pontilhão. Isso mesmo, em um pontilhão¹!

Todas as noites os amigos iam se sentar no pontilhão, levavam o violão e ficavam horas e horas contando as histórias do seu dia a dia ou mesmo da vida dos outros. Falavam dos mais diversos assuntos e quando os que tocavam violão estavam disponíveis terminavam as noites com uma boa música, que todos nós escutávamos de casa.

Eram músicas todos os gostos e em todos os ritmos, a alegria era cantar juntos, ora bem conectado, ora bem desentoadado, mas sempre cantavam com muita empolgação a ponto de ter algumas pessoas que reclamavam do barulho. Mas eu e minha família adorávamos ouvir aquelas canções.

Outro ponto de encontro das pessoas de Ingazeiras era a estação ferroviária. Pela manhã e à tarde iam ver o trem passar. Praticamente todas as pessoas do distrito iam, principalmente no final da tarde, que era o horário de mais movimento. Era um evento especial para todas as pessoas do distrito. Além de ver os passageiros que utilizavam esse transporte, também podiam comprar vários alimentos que as pessoas vendiam aos passageiros pela janela do trem e também para quem estivesse lá: era água, macaxeira, bolo, café...

O interessante era quando o trem ia partir, pois vinha um sinal da estação e todo mundo cuidava em receber o dinheiro e entregar o produto. Quando não dava tempo os vendedores saíam correndo atrás do nosso querido “trem azul”. Era muito engraçado!

Outra opção de divertimento eram os bingos diários em um terreno que tinha próximo à estação: já tinha uma estrutura quadrada de madeira montada com as cartelas fixas na tábua horizontal. O que mudava era o prêmio de cada dia, quase sempre um pacote de biscoito cream cracker e uma lata de doce de goiaba ou banana. Mas, às vezes, tinha um prêmio mais caro como um ferro elétrico ou liquidificador. Era uma animação diária! Não faltava quem quisesse ir para lá: ou para participar do bingo ou ver os outros participando ao som das músicas do momento.

1. Pequena ponte; ponte pouco extensa.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/pontilhao/>.

BANHO FRIO

Até a década de noventa, era costume na comunidade de Ingazeiras e sítios vizinhos, as mulheres puérperas ficarem quarenta dias de resguardo, e pasmem: sem tomar banho frio!

Isso acontecia porque eram orientadas pelas parteiras, naquela época não existia acompanhamento médico na região, a só tomarem banho com quinze dias após o parto (o chamado banho morno) e apenas quando completasse um mês do resguardo que tomariam o chamado “banho frio”. Todas as puérperas seguiam esse mesmo ritual: Banho frio, só após trinta dias!

Era bom demais! Para esse banho, as mulheres se reuniam e iam todas ao rio. Era um momento de muita animação. Levavam vinho, licor ou outra bebida que tivesse disponível e ficavam por horas tomando banho, conversando e dando boas gargalhadas pelas mais variadas histórias que cada uma contava.

Os filhos não podiam ir porque os assuntos discutidos na ocasião eram de “adultos” motivo pelo qual não poderiam participar. Eles ficavam muito chateados porque também adoravam tomar banho de rio, mas obedeciam e ficavam em casa esperando suas mães voltarem e cuidando dos irmãos mais novos acompanhados pelo pai ou não.

AS TERTÚLIAS

Os jovens dos anos oitenta eram muito divertidos e sociáveis, e sempre buscavam uma forma de se reunir. Nos dias da semana além de ir à escola durante o dia, quando era a noite sempre íamos para as praças, seja para conversar, namorar, jogar (bola), assistir televisão (nessa época ficava na praça para quem quisesse assistir com horários determinados pelos responsáveis por ligar e desligar) ou até brincar. Isso mesmo, brincar!

Fazíamos algumas brincadeiras de grupo, bem divertidas e intencionais, como “cair no poço”, que consistia em reunir o número de pessoas que tivessem interesse em participar num círculo. Nunca tinha menos de oito! Então, um era selecionado para “cair no poço” ficando separado dos outros, enquanto cada um escolhia em uma fruta, escondido de quem iria “cair no poço”. Este quando voltasse deveria adivinhar a fruta da pessoa que escolhesse. Se adivinhasse era uma festa, pois poderia escolher entre um aperto de mão, um beijo no rosto, um beijo na boca (o que hoje chamamos de selinho) ou um abraço. Mas se não acertasse, perderia e outra pessoa iria “cair no poço” em seu lugar. Imagine como não era a ansiedade para ir “cair no poço”!

Nos finais de semana, como não tinha aula, durante o dia realizávamos torneios, principalmente de futebol, já que tinham dois times com torcidas “organizadas”: o Nova República e o “Vila Nova”. Era uma verdadeira “aglomeração” que fazíamos no campo com pessoas de todas as idades reunidas para torcer pelo seu time preferido. Muitos até vestiam com as cores do time e até brigavam para defendê-lo, com direito a fotos no final do jogo com os atletas.

Como à noite podíamos ficar mais tempo na rua, sempre fazíamos uma tertúlia, para animar. Praticamente todo final de semana tinha uma! Começamos nos armazéns com mais espaço disponível e olha que não eram poucos: tinha armazém do centro, do início da rua, do final... O critério para escolha era estar disponível e o dono não cobrar muito caro, ou mesmo não cobrar, que eram os preferidos rsrs! Também fazíamos no Clube Recreativo de Ingazeiras - CRI, um espaço próprio para festas, mas para nossas tertúlias era muito grande e complicado conseguir, porque quando não pagávamos aluguel, tínhamos que deixar o dinheiro da água e da luz, que era praticamente o mesmo valor do aluguel. E, por isso, não compensava, já que éramos todos estudantes.

Também usávamos a escola para fazer nossas tertúlias, mas muito raramente porque era mais difícil conseguir e também porque não podia levar bebida alcoólica, por ser um prédio público. Entretanto, adorávamos dançar naquele pavilhão. Oh tempo bom!

O som, se é que se pode chamar assim, era o que disponibilizassem sem precisarmos pagar. Mas na maioria das vezes era uma radiola ou um toca discos, instrumento que consistia numa caixa quadrada com espaço para colocar um disco de vinil, também chamado LP, que ao ser ligado ficava girando e a gente tinha que colocar a agulha para ouvir a faixa que queríamos. Com isso, os LPs que mais gostávamos terminavam ficando

arranhados nas músicas que mais gostávamos. Para ficar mais alto sempre arrumávamos uma caixa de som. Não era das de melhor qualidade, mas dançávamos bem animados até meia noite, que era a hora que permitiam que ficássemos nas festas organizadas só por nós.

Festa com banda mesmo, só acontecia nas três datas mais importantes e animadas do ano em nosso Distrito: São João, que é no mês de junho; Nossa Senhora Aparecida, no mês de outubro, que coincidia com o aniversário do Clube, depois que foi construído; e “Adeus às Férias”, normalmente no final de janeiro. Eram festas muito animadas e com pessoas de toda a região, e até de outros municípios e estados. Aconteciam no pátio da escola mesmo sendo um pouco apertado e de ter uma calçada super alta, perigosa caso alguém perdesse o equilíbrio. Entretanto, foi muito usada até a construção do clube. E ainda há quem diga que preferia quando as festas eram realizadas lá!

UM JEEP NA MINHA VIDA

Como toda criança adorava andar de carro, mas eram poucas as pessoas que o possuíam na época na década de oitenta no distrito de Ingazeiras. Quando meu tio comprou um “jeep” já sabem o tamanho da festa que fiz! Não podíamos vê-lo na garagem, íamos brincar dentro dele e não tinha uma vez que meu tio ou meu primo fossem sair para não pedir para ir junto, o que raramente acontecia para nossa tristeza, pois quase sempre saía a negócios. Mas um dia meu primo levou-me para o casamento de uma moradora do Sítio Traíras, foi bom demais! Nunca tinha me divertido tanto com adultos! Era uma festa com muita comida caseira: arroz, macarrão, farofa, galinha caipira... Comi demais! Sem falar no forró com sanfoneiro ao vivo, uma animação só! E quando tocou a música “pinga nim mim”, de Sérgio Reis, foi o maior sucesso porque uma irmã da noiva que tinha bebido um pouco mudou a letra colocando o nome do meu primo no lugar de “nim mim”. Menino foi motivo de gozação por um bom tempo tanto na festa como por muitos dias depois, para desgosto do meu primo!

Mas emoção mesmo foi quando estávamos voltando para casa e faltou freio no carro. Pense na velocidade que voltamos e o medo que passamos! Tinha uma cancela¹ um pouco antes de chegar em Ingazeiras, bem ao lado do cemitério, onde claro, teria que parar, abrir para poder passar com o carro. Porém, como parar se o carro não tinha freio? Então já sabe, saiu levando cancela com tudo e nós só podíamos gritar e muuuuuito! Mas, graças a Deus ele conseguiu parar usando a marcha quando terminou de descer a ladeira do cemitério, mas a poucos centímetros de uma calçada, o que foi um alívio para nós e para quem nos viu chegarmos aos gritos e em toda velocidade!

Outro dia também passamos por outra situação bem parecida, só que não mais com “jeep” e sim com o outro carro que meu tio já tinha: uma D20. Um outro primo mais jovem que nem dirigir sabia, pegou o carro que meu tio tinha estacionado próximo à linha do trem, que tinha em frente à casa de minha tia, numa pequena ladeira. Meu primo que sempre andava com ele prestando atenção quando ele estava dirigindo resolveu que sabia dirigir e pegou o carro e saiu dirigindo feito um maluco. Nós vimos a hora bater na calçada ou em um de nós, pois eu, meus tios e meus primos ficamos como loucos para lá e para cá pedindo para ele parar. Fiquei tão nervosa que nem lembro como conseguiu, mas graças a Deus parou sem se machucar ou machucar alguém.

1. Substantivo feminino: Espécie de porteira rural.
Fonte: <https://www.dicio.com.br/cancela/>

ANDANÇAS

Como meu pai era policial, vivíamos mudando de cidade em cidade, pois sempre que fazia algo que contrariasse as normas da polícia ou ofendesse alguém da comunidade, era transferido. Moramos em Aurora, Barro, Baixio, Pena Forte, Brejo Santo e por último Juazeiro do Norte. Pelo menos que eu me lembre!

Em cada cidade vivemos uma experiência inesquecível cercada de momentos bons e ruins, mas foi em Aurora que passamos a maior parte de nossas vidas, pois foi lá que meus pais se conheceram, casaram-se e tiveram suas duas primeiras filhas: Minha irmã mais velha e eu. Depois fomos para o Barro, mais precisamente, para o distrito de Iara, onde ficamos bem pouco tempo, já que não tinha muitas ocorrências policiais e muito menos necessidade de mais um policial por lá. Então partimos para Baixio, ficando lá por um bom tempo, inclusive foi nessa cidade que nasceu meu segundo irmão e onde nos divertimos muito, pois era uma cidade pequena, mas que tinha muitos atrativos, principalmente os circos que passavam por lá com uma boa frequência. Quase todo mês aparecia um, nem que passasse só uma semana. Era bom demais! Diversão garantida para toda família, mesmo não sendo circos de grande porte! Teve até um dia que me entreti tanto com o espetáculo que não percebi quando meus familiares saíram. Então quando os ouvi chamando lá fora, saí correndo desesperada e terminei batendo de frente no arame do circo. Foi uma correria danada, pois sangrava muito. Fui levada ao hospital e precisava costurar, mas minha mãe não deixou porque como era no lábio superior e teve medo de ficar com defeito, mesmo o médico explicando que demoraria mais a cicatrização ela preferiu deixar sem costurar. E por incrível que pareça cicatrizou perfeitamente, restando apenas uma pequena cicatriz até hoje, que parece mais com um arranhão.

Em Juazeiro moramos um bom tempo, mas mudávamos constantemente. A cada briga do meu pai com minha mãe era uma mudança, ou porque minha mãe não queria que ele nos encontrasse ou porque ficava com vergonha da vizinhança. Assim, terminamos morando em vários bairros desta cidade.

NO JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO

Após a enchente de 1981 no distrito de Ingazeiras, as coisas ficaram ainda mais difíceis, meus pais tiveram mais uma grande briga e se separaram oficialmente pela primeira vez. Minha mãe ficou muito envergonhada e decidiu que não ficaríamos mais naquele Distrito. Decidiu que nos mudaríamos para Juazeiro do Norte, uma vez que sempre sonhou morar neste lugar abençoado pelo padre Cícero, de quem era grande devota.

A família não queria que saíssemos de Ingazeiras, muito menos que minha mãe separasse de meu pai, pois não sabiam como era a vida com Ele. Juravam que eram mil maravilhas! Como eles não aceitavam o casamento deles no início, minha mãe preferia não contar tudo que passávamos. Isso dificultou um pouco nossa mudança porque ninguém apoiou essa atitude tão radical e como minha mãe não tinha um emprego fixo, surgiram também as dificuldades financeiras.

A casa que minha mãe alugou era bem pequena e baixa, para se ter uma ideia quando minha mãe precisava ir ao quintal, precisava baixar a cabeça para não bater no portal. Consequentemente era uma casa muito quente e como minha mãe estava grávida, já perto de ganhar sofria bastante com o calor. Tinha noite que precisava molhar as roupas e deitar no chão, perto da porta da cozinha para poder dormir. Além disso, como não queríamos que pai soubesse onde estávamos, a situação financeira foi ficando cada vez mais insustentável pois as reservas que tínhamos estavam acabando e como minha mãe só trabalhava como manicure o que ganhava era bem pouco. Então tinha dia que não tínhamos quase nada para comer, não foram poucas as vezes que jantamos um pouco de caldo de feijão com farinha.

Com isso, mesmo praticamente uma criança resolvi trabalhar para ajudar minha mãe, mas como gostava muito de estudar não queria parar os estudos, restando poucas opções para ganhar algum dinheiro. Como tinha umas amigas de mãe que trabalhavam na feira, optei por esse trabalho. Tinha uma ideia do que era bem vendável na época, só que detalhe: Não tinha o capital para fazer o investimento inicial. Então fui com uma das amigas nos armazéns que vendiam fósforo, sabonete e bombril, porque eram vendáveis e davam uma boa margem de lucro e combinamos de comprar no início do dia em confiança pelas amigas que já compravam lá e pagar só no final do dia após as vendas. E não é que deu certo! Passava o sábado vendendo no Crato (era o dia da feira), o domingo no mercado Pirajá (Juazeiro do Norte) e a segunda-feira pela manhã em Missão Velha, porque estudava à tarde. Nas férias ainda ia vender em Jardim nas sextas-feiras.

Era muito corrido, mas muito compensador, pois com o dinheiro que lucrava em um final de semana de trabalho dava para comprar a feira da semana. E no domingo o lucro ainda era maior do que o da sexta e da segunda, porque como era no juazeiro (onde morávamos), levava meus dois irmãos mais novos para me ajudar, nas vendas e fazendo carregó¹ para as pessoas que moravam próximo do mercado, que também dava um pouquinho de dinheiro, já que naquela época não tinha entrega em domicílio.

1. Substantivo masculino: Ato de carregar. Carga ou fardo que uma pessoa transporta.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/carrego/>

AS ENCHENTES

O Distrito de Ingazeiras é banhado pelo Rio Salgado, principal afluente do Rio Jaguaribe, que tem sua nascente na Chapada do Araripe, no Crato. É um rio intermitente que influencia muito na vida econômica e social das pessoas deste pequeno distrito do município de Aurora, pois suas águas são utilizadas tanto para a lavoura quanto para a pecuária, que são as principais fontes de renda de seus habitantes, além dos cargos públicos, aposentadorias e benefícios sociais. Ele também serve de local de lazer em alguns pontos específicos, como as barragens que foram construídas próximas à zona urbana do distrito e da sede. E é justamente por essa proximidade em época de inverno mais rigoroso que a população termina sofrendo grandes sustos e até prejuízos por conta da invasão da água.

Os maiores dramas nessa comunidade por conta dessa proximidade com o rio ocorreram nos anos de 1981 e 2004, quando grande parte da população teve que sair de suas casas para não sofrer as consequências da cheia inesperada do rio.

Em 1981 os moradores de Ingazeiras e de toda região ribeirinha por onde passa o Rio Salgado viveram momentos de grande aflição pois aconteceu uma tragédia inesperada em virtude de um inverno rigoroso: o rompimento de vários reservatórios de água, principalmente açudes que deságuam nesse rio. Conseqüentemente, o rio terminou invadindo nosso distrito e outras cidades, deixando um rastro de destruição e prejuízos materiais e psicológicos incalculáveis por onde passava, já que muitas famílias tiveram seus bens destruídos pelas águas: foram casas, móveis, transportes, animais e até plantações inteiras. Vítimas fatais pela enchente em si não houve, graças a Deus, mas uma pessoa que tinha problema cardíaco terminou falecendo em virtude de tamanha preocupação.

Apesar de não ser uma lembrança tão agradável tivemos momentos que jamais serão esquecidos, tanto pela tristeza como pela solidariedade que tomou conta das pessoas da comunidade que fizeram de tudo para ajudar uns aos outros, mesmo aqueles que também estavam com suas casas inundadas quando terminavam de organizar suas coisas corriam para a casa dos vizinhos para ajudar a salvar tudo que fosse possível. Como ainda era nova passei mais tempo tomando banho do que mesmo prestando atenção às ocorrências ou mesmo ajudando.

Já na enchente de 2004, eu já estava casada e com meus três filhos, o que fez a agonia ser ainda maior, visto que o Rio Salgado aumentou rapidamente seu volume de água em decorrência das muitas chuvas que ocorreram na região mais ou menos a partir do dia 15 de janeiro, fazendo com que suas águas subissem muito acima do leito para desespero de quem morava próximo ao rio, como nós da comunidade de Ingazeiras.

Foi aquela correria para todos que moravam naquela área, pois com a rapidez que ocorreu a cheia não houve tempo suficiente para a retirada de todos os móveis e até mesmo para a saída de alguns moradores, que tiveram suas casas inundadas repentinamente

causando muitos prejuízos. Muitas dessas casas caíram por completo deixando os moradores sem ter onde ficar, mas a minha era recém-construída e ainda na parte final dos acabamentos, o que terminou fazendo com que caísse só uma parte do banheiro, da dispensa e um pouco do corredor. Com isso passei alguns meses na casa de minha cunhada enquanto faziam a restauração da parte atingida e pudesse morar na tão sonhada casa própria.

Durante a enchente, era um sofrimento grande quando ouvíamos aqueles terríveis estrondos pois imaginávamos logo que seria a nossa casa caindo. Só algum tempo depois descobríamos que era de um amigo, de um parente ou até mesmo de um desconhecido. Porém o sentimento era o mesmo, tristeza. Uma grande tristeza! E assim vimos muitas famílias ficarem desabrigadas. Sem falar nas lavouras de milho, feijão, arroz e fruteiras que foram totalmente destruídas, deixando muita gente sem ter com o que se alimentar, pois além da cheia repentina o inverno acabou antes do tempo, aumentando ainda mais as dificuldades de quem já tinha ficado praticamente sem nada. Várias pessoas passaram dias morando embaixo de uma tenda próximo à linha férrea cobertas com lonas doadas por um contrerrâneo e se alimentavam do que era doado pela comunidade e pelo governo local.

Passaram-se alguns meses, para alguns até anos, para que pudéssemos superar as cenas vivenciadas durante essa enchente, mas graças a Deus aos poucos tudo foi voltando ao normal. Até casas populares foram construídas para as pessoas que perderam suas casas durante a enchente para que não voltassem a construir na área de risco, mas infelizmente alguns não seguiram a recomendação e voltaram a morar no mesmo lugar, até nas mesmas casas. Graças a Deus, não houve mais nenhuma cheia do rio que causasse novas enchentes no distrito, mas essas que aconteceram estão marcadas na história de todos que moravam, moram ou mesmo conhecem algum morador do distrito de Ingazeiras ou das cidades e localidades atingidas.

AS ESCOLAS

Toda minha vida estudei em escola pública. Inicialmente estudei na Escola Padre Cícero de Ingazeiras, que era uma escola pequena, com poucas salas de aula e estrutura com praticamente o necessário para funcionar, mas todas as crianças do distrito e dos sítios vizinhos se encontravam lá, pois não existiam outras escolas na localidade. Isso era muito bom porque independentemente de cor, classe social, sexo ou mesmo localidade terminávamos tendo as mesmas oportunidades de estudo. E era muito divertido, apesar das dificuldades.

Nessa escola gostávamos de quase tudo, às vezes tínhamos raiva das carteiras que eram no formato de dupla e construídas com madeira bem grossa e pesada. Quando nos sentávamos com alguém próximo ou inteligente adorávamos, mas quando vinha alguém conversador ficava para morrer, rsrs. Agora ficava feliz mesmo era quando me sentava com minha irmã, que estudava na mesma sala que eu. Eita como era bom...

Também adorava a “hora do recreio” onde cada um levava sua “merenda”, que era muito diversificada: farofa de cuscut, bolo de caco, rapadura com bolacha doce (mais conhecida na época por bolacha peteca) ... e era dividida entre todos que quisessem se aproximar. Era uma troca tão saudável que mesmo no dia que não levávamos os colegas se dispunham a dividir. Só após alguns anos a escola começou a distribuir merenda: sopa, farofa, rapadura com biscoito, mingau, arroz com almôndegas, adorávamos... E gostávamos ainda mais quando tinha alguém que não queria, pois repetíamos na maior felicidade.

Um fato interessante que me chamava muito atenção na época era todas as professoras usarem óculos, isso mesmo professora, não havia nenhum professor nessa escola. Isso me fez pensar que para ser professora seria necessário usar óculos, então sempre que estava brincando de ser professora dava um jeito de arrumar uns óculos, mesmo que fosse de arame. Achava um charme rsrs!

Minha segunda escola foi o José Marrocos em Juazeiro do Norte, esta também era bem pequena, quase com a mesma estrutura da escola de Ingazeiras, mas com grandes diferenças. Eita que era cada dia uma novidade! Começou com a presença de professores que até vir morar em Juazeiro nunca tinha tido. Resultado: Terminei me apaixonando por um deles, e claro, como era de se esperar, não fui correspondida. Fazia de tudo para chamar sua atenção, estudava muito, participava dos grupos, dos jogos, mas não consegui conquistá-lo. Isso me fez sofrer bastante, mas não perdi o entusiasmo pelos estudos e consegui superar esse primeiro amor com muito sucesso nos estudos.

Após terminar o primário nessa escola, eis que surge minha terceira escola, a Maria Amélia Bezerra, também em Juazeiro do Norte. Era uma escola enorme, com várias salas de aulas, muita área verde, um grande pátio e até uma quadra esportiva. Isso mesmo, uma quadra de esportes enooorme! Adorava praticar Educação Física e treinar para esportes

coletivos e individuais. Corria muito e também fiz parte do time de vôlei oficial da escola. Era um orgulho! E olha que nosso time era bom, ganhamos vários campeonatos e fiz várias amizades, me divertindo muito. Mas também enfrentei algumas dificuldades, pois era uma escola grande, mas não com estrutura suficiente para acolher com igualdade todos os alunos. Por exemplo, as salas de aula eram enormes, mas não tinha carteira suficiente para todos. Se quiséssemos assistir à aula sentados tínhamos que chegar muito cedo para ficar próxima ao portão de entrada e ainda correr para entrar primeiro na sala após o sinal, porque os últimos a entrarem sentavam no chão. Como morava distante da escola e não tinha dinheiro para utilizar o transporte público todos os dias e estudava no período da tarde, não era sempre que conseguia chegar a tempo de pegar uma carteira. Assim, além de enfrentar o sol quente de meio dia por mais de meia hora de caminhada ainda tinha que assistir aula sentada no chão.

Também tinha a questão dos livros, que na época eram comprados e como eu não tinha dinheiro para isso, passava grande parte do recreio copiando os conteúdos o mais rapidamente possível para poder devolver o livro. Aí já dá para imaginar as consequências, a letra que não era boa ficava ainda pior para entender. Então minha professora de Português, da oitava série, resolveu me ajudar aconselhando-me a fazer uma cópia diária para que ela visse e mostrasse como melhorar minha letra. Para isso comprei um caderno de duzentas folhas. Foi uma felicidade, pois sempre gostei de escrever e ter um caderno exclusivo só para isso era, para mim, um luxo. Adorava! Assim, sempre procurava os maiores textos para copiar. E como tinha uma professora da disciplina de Técnicas Comerciais que tinha a letra muito bonita e admirável, então passei a imitar. E não é que funcionou? Igual não ficou, mas até que ficou bem parecida, só não consigo escrever todas as letras do mesmo tamanho como ela fazia!

Minha penúltima escola do ensino médio foi em Aurora, o Tabelião José Pinto Quesado, onde cursei o chamado curso “Básico¹” e também o curso Normal. Era uma aventura diária ir para escola, pois morávamos no distrito de Ingazeiras e a escola ficava na sede, há cerca de 24 km do distrito. Todos os dias saíamos de casa por volta das 16h30min para pegar o ônibus, que não era dos mais modernos e muito menos novo. Com isso chegávamos atrasados várias vezes na semana, sem contar que na época de inverno as estradas ficavam ruins e os riachos enchem, impedindo que fôssemos para escola. Como isso era frequente, os colegas não queriam nos emprestar os cadernos para pegarmos o conteúdo e muito menos ficar conosco nos trabalhos em equipe. Resultado: Quando faltávamos passávamos dias perdendo o recreio para copiar os conteúdos e fazendo grande parte dos trabalhos de forma individual, mesmo quando era para ser em grupo porque ninguém queria ficar em nossa equipe. E infelizmente como tinha muitas turmas, pouquíssimos de nós ficávamos com alguém que morasse em Ingazeiras na mesma turma.

1. O Curso Básico era oferecido no primeiro ano das escolas de ensino médio para aqueles alunos que quisessem escolher que área seguir só a partir do segundo ano. No meu caso cursei o Normal a partir do segundo ano e quando o concluí cursei também o técnico em Contabilidade.

AS VIAGENS DE ÔNIBUS

Como o distrito onde morávamos ficava um pouco distante da sede do município, após alguns anos de espera o prefeito da cidade resolveu colocar um ônibus para nos deslocarmos para fazer o chamado segundo grau, visto que no distrito onde morávamos só tinha até a oitava série do ensino fundamental.

Foi uma grande alegria para toda a comunidade e, para mim, maior ainda, uma vez que já estava há quatro anos sem estudar, mesmo querendo muito, faltava a oportunidade, que com esse transporte seria minha chance de voltar a estudar.

Além de permitir a volta aos estudos, essas viagens de ônibus também nos possibilitaram a descoberta de novas amizades e a vivência de inúmeras aventuras, já que morávamos a uma boa distância da sede e o acesso até a cidade era em estrada carroçável¹. Aí já sabe, não é? Em dias de chuva era muito difícil chegarmos e voltarmos da escola.

Era ladeira que o ônibus não conseguia subir, atoleiros que precisávamos descer do ônibus para empurrar, luz que dava problemas e um colega precisava vir segurando a lanterna para poder clarear a estrada, riacho que enchia e tínhamos que passar por cima da ponte da linha férrea. Pense no sufoco, pois além do medo de vir um trem de repente (nessa época passavam os trens de carga), ainda tinha o que chamavam de enxu² para fazer com que tivéssemos ainda mais medo de passar naqueles trilhos tão altos e amedrontadores se olhássemos para baixo. Ainda bem que o motorista do ônibus e os colegas, sempre nos davam o maior apoio para que passássemos em segurança, seja segurando no braço ou mesmo no ombro até passarmos por toda a linha.

Agora o dia mais emocionante mesmo foi quando o ônibus quebrou a poucos quilômetros da sede, quando estávamos voltando para casa, pouco mais de meia noite. Tivemos que andar a pé por um bom tempo até encontrar ajuda, já que não tinha celular e para encontrar alguém que pudesse ajudar tinha que chegar até a casa de alguém. Foi aquela aventura por conta do escuro e das brincadeiras dos colegas mais corajosos que corriam e se escondiam no meio do mato para poder fazer medo a quem tinha medo de assombração, fazendo barulho, acendendo luzes e até mesmo colocando roupas brancas na cabeça para dizer que eram almas. Aí já sabe! Era aquela gritaria e até correria dos menos corajosos.

E quando encontramos a ajuda também foi cheia de emoção porque o carro que encontramos para nos levar para casa era uma caçamba. Isso mesmo, uma caçamba! Imagine aí, uns sessenta estudantes viajando em uma caçamba duas horas da manhã,

1. Diz-se da estrada própria para carroças e outros veículos.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/carrocavel/>.

2. Ninho de vespas. O mesmo que vespeiro. ninho de vespas sociais, ger. construído de material semelhante ao papel, que se origina de madeira ou folhagem mascada pelo inseto.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/vespeiro>.

após várias horas de caminhada. Foi aquela barulheira e quando chegamos na rua, foi que gritamos de alegria por termos chegado em paz, apesar das tantas dificuldades. E nossos pais/responsáveis, claro estavam todos na rua, mortos de preocupados com tamanha demora, pois um ou outro que tinha transporte tinha ido atrás de nós, mas também não tinha voltado, pois tinha ido ajudar na volta para casa.

Nessa noite, praticamente não dormimos, pois quando chegamos em casa todos queriam saber nos mínimos detalhes o que tinha acontecido, e quando estávamos contando para um outro acordava e lá íamos começar tudo novamente. Sem falar que passamos praticamente o ano todo relembando desse dia. Não podia dar qualquer problema no ônibus, que já íamos recordar a aventura que passamos!

UMA MÁQUINA DE ESCREVER

Quando cursava a oitava série, a moda entre os jovens era fazerem o curso de datilografia, que consistia em fazer lições repetitiva de digitação das letras do teclado da máquina iniciando com as de uso da mão direita: a, s, d, f, g, espaço, que deveriam ser digitadas usando os dedos mínimo, anelar, médio, indicador, indicador, dedão, na sequência. Se errasse ou trocasse alguma letra mais de três vezes tinha que jogar aquela folha fora e começar novamente. Pense como era demorado preencher uma folha de papel A4 com essa sequência! Mas era um orgulho dizer que estava fazendo ou tinha concluído esse curso! Sem falar que a mensalidade não era nada barata!

Então, com a ajuda de minha mãe convenci meu pai que seria bom fazer já que estava terminando o ginásio e isso poderia me ajudar quando estivesse no segundo grau (hoje, ensino médio). Assim, ele pagou as mensalidades e quando concluí o curso me deu uma pequena máquina de datilografia de presente, linda! Era vermelha, com uma tampa que se encaixava na mesma, ficando tipo uma maletinha! Tinha até uma alça para carregar! Apaixonante! Por isso, sempre arrumava uma desculpa para levá-la a todo lugar, principalmente quando ia fazer os trabalhos escolares. E foram muitos os trabalhos digitados naquela máquina, não só por mim, mas por todos que faziam parte do meu grupo. Era digitação que não acabava mais!

Entretanto, a alegria durou pouco! Na noite de São João desse ano meu pai bebeu um pouco a mais e terminou se desentendendo com minha mãe mais uma vez. Infelizmente foi uma briga muito violenta e como houve um momento que ele chegou a pegar um pau da fogueira para acertá-la, eu tive que evitar que isso acontecesse, então ajudei minha mãe a se livrar da pancada, tirando a atenção dele. Ele ficou muito enfurecido e disse que eu ia pagar por fazer uma raiva daquela. Dito e feito: No outro dia ele tomou minha querida máquina de escrever e nunca mais vi ou tive esperança de tê-la de volta, pois ele não disse nem o que tinha feito com ela: Vendeu? Doou? Quebrou? Jogou fora? Nunca soubemos! Mesmo na época tendo chorado muito pela perda e pedido para devolver, foi em vão. Mas não me arrependi em nenhum momento de ter ajudado minha mãe. Se fosse preciso ajudaria novamente!

Nunca mais pude comprar outra máquina nem parecida, mas quando apareceram os primeiros computadores para vender no distrito onde estava morando, fui uma das três primeiras a comprar, porque graças a Deus já estava trabalhando. Uma realização! Era um computador branco, daqueles que o monitor era um pouco grande na parte de trás, com a CPU retangular com entrada para CD e disquete, acreditem! Tinha entrada para disquete! Também tinha um teclado e um mouse com fio. Diferente de hoje que os jovens possuem celular e computador e usam sem precisar de curso nenhum com a maior agilidade! E até ensinam aos mais velhos como usar com a maior rapidez! É incrível como são ágeis e habilidosos, desde muito pequenos. Difícil ver uma criança ou jovem que não saiba mexer no celular ou computador.

A TRAGÉDIA

Meus pais viviam em constantes brigas, separavam e voltavam até mais de uma vez no ano. Era uma sensação horrível de insegurança e discórdia. Mas como minha mãe trabalhava apenas como manicure, terminava se submetendo aos desmandos do meu pai. E conseqüentemente nós também, já que dependíamos dele.

Essas brigas com o passar do tempo foram ficando cada dia mais violentas a ponto de precisarmos nos esconder para que ele não nos encontrasse algumas vezes, já que tinha atentado contra a vida de minha mãe em algumas ocasiões e até contra a nossa também, usando armas das mais variadas: revólver, fogo, pau de fogueira... Teve um dia que até colocou panos velhos rasgados no botijão de gás para queimar todos nós! Mas de verdade não acreditávamos que tivesse coragem de realizar as ameaças, já que vivia ameaçando-a até nos bares onde bebia.

Infelizmente, no dia 12 de dezembro de 1986, a tragédia aconteceu. Ele chegou bêbado e após uma discussão deu vários disparos contra minha mãe, em plena rua, na calçada de nossa casa, na presença de todos que ali estavam, inclusive dos filhos. Uma cena triste que jamais será esquecida, principalmente para quem estava perto. Meus dois irmãos homens, mesmo mais novos que eu, e um amigo deles que estavam lá na hora, ainda tentaram impedi-lo, mas ele atirou no chão perto dos pés deles para afastá-los, e não tiveram como ajudar, infelizmente. E mesmo minha mãe estando com minha irmã mais nova, de apenas cinco anos, ao seu lado ele não hesitou em nenhum momento. Fez todos os disparos que podia com seu maldito revólver calibre trinta e oito. Minha mãe não tentou fugir, infelizmente. A cada disparo que se ouvia, ela se aproximava mais dele até cair desfalecida no meio da rua. Ainda foi levada para o hospital, mas faleceu antes de chegar lá. Também era praticamente impossível, foram quatro tiros. Um horror!

A MUDANÇA

Foram dias de muita tristeza os que seguiram após o acontecimento trágico. Tivemos que ir para casa de parentes, pois como todos éramos menores não teríamos como ficar sem pai e sem mãe. Mas não deixamos nos separar. Só iríamos se fôssemos todos juntos, mesmo alguns parentes insistindo que gostavam mais de um ou de outro dos filhos, não aceitamos ficar separados. Assim, terminamos indo todos morar com meu tio no Distrito de Ingazeiras.

Como foi uma mudança repentina não deu para procurar casa, como costumam dizer no popular: fomos “de mala e cuia” e não dava para ficar todo mundo na mesma casa, com algum familiar, já que era muita gente: seis irmãos. Então nos instalamos em um dos armazéns da família. Organizamos os caixotes de guardar os cereais que armazenavam para o consumo durante o ano (arroz, feijão, milho) e arrumamos com os móveis que tínhamos no espaço disponível. Terminou ficando até bem dividido. E como não tinham paredes dividindo os cômodos para que o quarto não ficasse tão exposto colocamos o guarda-roupa servindo de parede.

Ali estávamos bem acomodados, todos os irmãos juntos, como queríamos e com vários familiares para ajudar a tomar de conta. E até uma madrinha de fogueira¹, que não era da família, mas também terminou tendo que cuidar um pouco de nós, pois éramos seus vizinhos e vez por outra, ou praticamente todos os dias, estávamos lá “aperreando”. Mas quem mantinha nossas despesas era meu tio, irmão de minha mãe, que na época era vereador. Era um homem inigualável, mesmo sustentando sua família e a família do seu filho nunca nos deixou passar necessidade e nos deu de tudo até o dia que pai resolveu chamar todos para morar com ele em Campos Sales. Meus irmãos foram, mas eu preferi continuar morando com meus tios em Ingazeiras, onde fiquei por vários anos, morando com familiares bem próximos.

1. É tradição no Nordeste nas noites de São João as pessoas que se gostam irem para a beira da fogueira e em nome de São João se tornarem afilhados, padrinhos, madrinhas, compadres, entre outros parentescos. E têm muita consideração uns pelos outros.

A GUARDA

Após um ano da fatídica tragédia familiar, meu pai começou a procurar os filhos dizendo-se arrependido do que tinha feito e que queria ter a oportunidade de melhorar um pouco a vida deles. E que isso só seria possível se fôssemos morar com ele visto que estávamos morando com a família de minha mãe e que, com razão queriam distância dele. E de fato ele estava morando bem distante: Campos Sales, uma cidade a 221 km (duzentos e vinte e um quilômetros) de Aurora, município onde ficava o distrito onde fomos morar com meu tio, irmão de minha mãe.

Ficamos muito confusos com a proposta, mas como meu tio estava com um pouco de dificuldades para nos manter em virtude de ter perdido a eleição para vereador, e era de onde vinha seu salário, já que era agricultor e não tinha outro salário fixo, meus irmãos resolveram aceitar. Mas eu não, como presenciei tudo que aconteceu no dia da tragédia e até em outros momentos, não teria como ir morar com ele. Então fiquei com minha tia, ajudando-a nas atividades da casa e fazendo companhia já que seus irmãos e sobrinhos estavam todos casados. De onde só saí pra casar no ano de mil novecentos e noventa e cinco.

Inclusive foi um pouco antes do casamento que consegui a guarda de minhas duas irmãs mais novas, que após irem morar com meus irmãos e meu pai terminaram ficando praticamente sozinhas na cidade de Campos Sales, pois meus irmãos mais velhos terminaram indo embora pra São Paulo assim que completaram maioridade e meu pai quando não estava trabalhando, estava bebendo ou jogando, deixando-as noite e dia sozinhas. A sorte era que os vizinhos eram muito bons e as ajudava até com alimentação, levando muitas vezes para dormir na casa deles.

Eu fazia o que podia por elas, quando e como podia, mas como trabalhava não tinha como estar sempre lá em Campos Sales, mas fazia tudo para ir lá sempre, inclusive eu que comprava roupa e material escolar para elas; porém só conseguia visitá-las uma vez por mês, quando recebia o salário. Aproveitava para arrumar a casa, lavar roupa e deixar tudo organizado. Entretanto, como eram pequenas não conseguiam manter em ordem. Sem falar nos perigos de ficarem sozinhas por dias, quando ele saía para jogar ou mesmo para beber. Eram dias de medo e tensão para elas e de muita preocupação para mim e para meus irmãos que éramos informados pelos vizinhos e até pelos próprios colegas de trabalho da situação que viviam.

Elas sempre pediam para vir morar comigo, mas pai não deixava de jeito nenhum. Só fazia prometer que iria melhorar, mas quando voltava a visitá-las as histórias eram sempre as mesmas, só sofrimento! Então, resolvi entrar com processo na justiça pela guarda das duas com ajuda do ministério público de lá, ganhando com muita facilidade já que praticamente era eu quem ainda olhava por elas.

O difícil foi fazer pai aceitar que elas iriam morar comigo. E na verdade não conseguimos convencer, então apelei mais uma vez para justiça, mesmo ele ameaçando me matar se tirasse as meninas de lá. Resultado, consegui tirar, mas tive que ir escoltada por policiais até o ônibus com medo dele tentar alguma coisa. Os policiais nos acompanharam, esperaram o ônibus sair e ainda seguiram até sair da cidade. Mas graças a Deus deu tudo certo, chegamos em paz em Ingazeiras onde ficamos morando com minha tia, com quem já morava desde que minha mãe tinha falecido, ficando lá até casar, pois já estava planejando casar há alguns meses. Depois que me casei fomos morar todas juntas em casa cedida por uma amiga da família.

UM SONHO ADIADO

Como sempre gostei de estudar não tinha nenhuma situação que me fizesse perder aula. Quando meus pais estavam brigados e precisávamos nos esconder para que não fizesse nenhum mal à minha mãe, ia para escola usando perucas e óculos escuros, pois meu sonho sempre foi ser professora. Não perdia aula de jeito nenhum, pois queria muito cursar uma faculdade. É tanto que já tinha procurado vagas em duas escolas: Uma na qual faria o Curso Normal (que me permitiria ser professora) logo com o ensino médio e outra na qual faria o Curso Científico (que era tipo um preparatório para o vestibular), na época.

Entretanto, no dia 12 (doze) de dezembro 1986 (mil novecentos e oitenta e seis) esse sonho teve que ser adiado, pois com a morte de minha mãe tivemos que nos mudar para Ingazeiras, um pequeno distrito do município de Aurora, que mal tinha o ensino fundamental, nível de ensino que eu já estava prestes a concluir. Inclusive foi uma grande dificuldade conseguir essa conclusão, porque a tia que tinha aqui já morava com muitos filhos, netos e até sobrinhos, e não tendo disponibilidade para abrigar mais uma pessoa em sua casa. Então minha professora de Português queria que eu fosse morar com ela até terminar, pois conhecia minha história e tinha muita admiração pelo meu esforço, mas minha tia não deixou. Terminei ficando na casa dela mesmo, pois eram poucos dias que faltavam para concluir o ano.

Ao terminar a oitava série fui obrigada a parar de estudar porque não tinha como me manter em Juazeiro e em Ingazeiras não tinha segundo grau, o hoje chamado de ensino médio. Então fiquei os anos de oitenta e sete, oitenta e oito, oitenta e nove sem ir à escola. Apenas em noventa tive a oportunidade de voltar a estudar, pois uma prima minha foi morar em Aurora e fui passar uns tempos com ela para poder voltar a estudar. Não lembro bem o ano, mas acho que foi em noventa e um o prefeito da época colocou o ônibus para transportar os estudantes do distrito que morava e dos sítios próximos para estudar na sede do município. Era uma alegria, pois pude voltar a morar em Ingazeiras e ia pra sede do município todos os dias para assistir às aulas. Assim terminei o curso Normal que tinha iniciado, depois fiz o Científico, mas nunca perdi a esperança de fazer o vestibular e ir para faculdade. E como ainda não tinha condições de iniciar um curso superior também fiz o técnico em contabilidade. Até exerci a função de Coordenadora Financeira, graças a esse curso profissionalizante.

FINALMENTE PROFESSORA

Quando estava no início do terceiro ano do ensino normal tive que fazer o estágio de observação que era obrigatório para todos os alunos. Na época morava com minha prima em Aurora, então escolhi uma escola da sede para fazer esse estágio. Como a professora responsável pelo acompanhamento do estágio mandou um calendário para escola com as datas que ia fazer, a professora regente aproveitou para me deixar em sala sempre que era dia de observação. Lamentei porque não tive como observá-la, mas gostei muito porque aprendi na prática como era ser uma professora. E olhe que a diretora e os alunos gostavam muito, sempre me elogiavam.

No estágio de regência optei por fazer em uma escola do distrito mesmo. Com isso, pude mostrar um pouco da minha habilidade e em maio quando uma das professoras, que lecionava na terceira e quarta séries, desistiu de ensinar porque estava sem receber o salário, a diretora me convidou a assumir seu lugar mesmo sem ter concluído o curso, pois já tinha visto que dava conta da função com muita maestria durante o estágio. Fiquei muito feliz com o convite e aceitei na hora, mesmo sabendo que não tinha previsão de recebimento do salário, pois fora esse o motivo da desistência dessa professora. Precisava muito de dinheiro, mas como não ia gastar nada com transporte e sempre sonhara ser professora comecei a trabalhar. Era só felicidade!

Adorava saber que tinha uma turma “minha”. Fazia o melhor para que aprendessem e não se sentissem prejudicados com a troca de professora quase no meio do ano letivo. Para mim, foi um ano maravilhoso, meu primeiro emprego, meus primeiros alunos, minha primeira experiência profissional... E o melhor como professora, que foi o que sempre desejei! A única coisa ruim foi que passei o ano sem receber o salário, mas me conformava porque não era só eu e sim todos os professores do estado que tinham contrato temporário naquela época. Claro que passamos o ano buscando receber, mas isso só foi possível em janeiro do ano seguinte. A diretora tão preocupada fez até promessa para que recebêssemos e quando isso aconteceu combinaram um dia para pagá-la.

No dia combinado todos foram muito felizes pagar a promessa, mesmo sendo bem pesada, visto que já tinham recebido os salários atrasados, mas infelizmente ou felizmente eu não pude, porque estava de resguardo de minha primeira filha, então tive que deixar para depois. E esse depois demorou um pouco. Todo ano fazia planos, mas nunca dava certo. Quando finalmente deu certo pagar meu corpo não deixou, já que tinha que vir de Ingazeiras até o Horto do Padre Cícero em Juazeiro do Norte. Uma distância de aproximadamente 60km. A primeira vez foi o pé que torceu e só consegui chegar até Missão Velha; na segunda o coração não aguentou e acelerou fazendo com que desistisse um pouco antes de chegar em Missão Velha. Não sabia, mas já estava com problema na válvula mitral e fui obrigada a nunca mais tentar. Assim, fiquei com esse sentimento de promessa não cumprida. Todos dizem que já está paga, mas ainda acredito que serei capaz de completar o percurso: vir de Ingazeiras até o horto do Padre Cícero em Juazeiro a pé, pois nas duas vezes que tentei só consegui chegar até Missão Velha.

A UNIVERSIDADE

Desde bem jovem sempre quis conhecer e estudar em uma universidade, pois sabia que todo bom profissional precisa de uma formação sólida. Assim, logo que surgiu a oportunidade no município onde morava, cuidei logo em fazer o vestibular. Passei, iniciei o curso, mas infelizmente não foi dessa vez que tive a chance de conhecer o prédio da faculdade, pois lá era um polo e não íamos para faculdade, os professores que iam até nós para facilitar a frequência.

Isso foi muito bom, pois diminuíamos as despesas e ajudava na realização das atividades; porém a minha vontade de conhecer a universidade permanecia latente. Então quando terminamos a graduação surgiu a possibilidade de fazer uma pós-graduação. Fui a primeira a me inscrever e novamente, o polo seria em nosso município para nossa “alegria”.

Só que no dia da apresentação do trabalho de conclusão finalmente eu tive a oportunidade de ver de perto uma universidade, pois precisamos vir apresentar pessoalmente na sede da Universidade Regional do Cariri.

Quando cheguei lá fiquei encantada com o tamanho do prédio e a quantidade de salas e espaços para estudos. É um lugar muito grande e arejado, com árvores em várias partes, salas de aula, biblioteca, cantina e o melhor, alunos por toda parte. Era aluno assistindo aula nas salas, nos laboratórios, nos corredores e até embaixo das árvores. Fiquei encantada! Só não passei mais tempo observando porque tinha hora marcada para apresentação do trabalho e para retornar para casa. Mas prometi a mim mesma que em outra oportunidade voltaria para passar mais tempo lá, o que aconteceu, pois ainda cursei outras graduações e pós-graduações e tive como conhecer outras instituições, tanto públicas como particulares, que possuem realidades bem diferentes.

NOVA FAMÍLIA

Com pouco tempo de casamento tive logo uma filha, então minha irmã mais velha achou por bem levar uma de nossas irmãs para morar com ela visto que ia aumentar minhas despesas e uma de minhas irmãs queria ir. Fiquei muito receosa de ficar longe dela, mas terminei deixando pois ela iria morar com a irmã mais velha do que eu e que também estava trabalhando, o que poderia diminuir minhas despesas e cuidar de nossa irmã. Então fiquei com uma e ela com a outra.

Para mim é como se fosse uma filha, e me considera muito, além de ter ajudado muito com meus filhos, pois como trabalhava os três expedientes e ainda estudava sempre precisava de alguém para me ajudar a cuidar das crianças, mas só confiava porque sabia que ela estaria lá olhando eles como se fosse eu. Ela também estudou enquanto estava comigo, concluindo o ensino médio e só saiu de minha companhia quando se casou, pois como era de se esperar, ela cresceu, se apaixonou, arrumou um namorado, casou e foi viver com a nova família. Graças a Deus, muito feliz também. Mas continuamos muito próximas tanto na moradia, quanto nos sentimentos. Falamos-nos com frequência e gostamos de nos visitar sempre, mas antes tive mais dois filhos: uma menina e um menino. Vivemos momentos de muita alegria e felicidade.

Realizamos muitas atividades juntos, entre elas passeios dos mais variados, desde para as barragens próximas de casa, que ainda hoje são muito visitadas por quase toda população ingazeirense e até visitantes a outras localidades, até cidades litorâneas com lindas praias e falésias na capital e outras próximas.

Porém, não há como negar, o passeio preferido e mais realizado era a barragem localizada no distrito mesmo, que além da água doce, apropriada para o banho e a pesca, ainda tinha muitas árvores com sombras frondosas onde armávamos as redes para descansar e deitar as crianças; ainda fazíamos o fogo embaixo para fazer aquele delicioso pirão de peixe pescadinho na hora. E na hora de comer também era uma diversão pois os pratos levados nunca davam para todo mundo e terminavam improvisando alguns pratos com folhas de árvores, que mesmo queimando um pouco as mãos não deixavam de provar aquela saborosa comida típica desses passeios dominicais; além da proximidade de casa, que permitia chegar lá a pé.

Hoje ainda realizamos alguns passeios em família, mas não com a mesma frequência. O trabalho, os estudos, os namorados não permitem, mas sempre que é possível realizamos alguma viagem ou encontro familiar.

A COR DE UMA MÃE

Quando engravidei de minha primeira filha nunca imaginei que tê-la seria motivo de discriminação racial, pois nem imaginava que características ela teria. Mas eis que quando nasce, é uma criança linda, não tem pai ou mãe que ache um filho feio! Mas a minha tinha era incomparável, com aquele cabelo castanho cheio de ondas pouco definidas, bem diferentes de mim e do pai dela, já que temos pele negra e cabelos bem encaracolados.

Enquanto estávamos em casa isso não fazia nenhuma diferença, pois para nós era nossa tão desejada filha. Porém quando começamos a sair com ela sentimos na pele o quanto é difícil ser mãe de filha branca, sendo negra, nesse país tão preconceituoso. Por várias vezes as pessoas me perguntavam quem era a mãe daquela criança tão linda! Eu ficava indignada e respondia que era eu, claro! Mas geralmente as pessoas não acreditavam e mandavam deixar de brincadeira e dizer quem era a mãe já que para elas, Eu, uma negra, não poderia ser mãe de uma criança tão branquinha. Houve casos em que foi preciso perguntar se precisava eu pegar o registro da criança para poderem acreditar em mim e deixarem de insistir que eu não seria a mãe.

E isso continuou acontecendo até ela crescer e também com seu irmão, mas não perdemos a esperança de um dia as pessoas entenderem que um filho pode ter a cor da mãe, do pai, ou de qualquer outro familiar; e não se deve e nem pode duvidar da maternidade de uma mãe em virtude da cor de sua pele.

Sei que não sou a única mãe negra que passou por isso, mas espero que minhas filhas não precisem vivenciar essas cenas tão desgastantes e entristecedoras como passei.

QUANTAS PAIXÕES

Quando se é adolescente parece que o coração vive a mil. Nunca se prende a nenhum amor. Por isso, a cada nova oportunidade surge uma nova paixão. Na minha vida não foi diferente. Minha primeira paixão foi meu professor de Português, ainda quando fazia o ensino fundamental, que não foi correspondido e pouco tempo durou.

Depois veio a adolescência, o curso ginasial e novos amigos e novas paixões. Primeiro foi um colega que estudava na turma vizinha, a quem ficava só a observar para ver se tinha alguma chance. Até que um dia não tivemos aula e resolvi segui-lo para ver onde morava. Com qual objetivo? Não sei, mas com certeza não foi querendo ver que ele tinha um namorado. Isso mesmo, um namorado! Já era comprometido com outro rapaz. E aí tive minha segunda paixão não correspondida. Fiquei muito triste, mas a vida seguiu.

Fiquei bem próxima de um amigo da minha turma com quem sempre desabafava, viajava para nossa cidade natal e passava horas e horas conversando. O resultado já dá para imaginar, terminei me apaixonando por ele. E cheguei a me declarar, entregar foto com juras de amor eterno, mas infelizmente mais uma vez ele não correspondeu. Entretanto, foi bom porque nos aproximamos ainda mais, nos tornando grandes amigos até hoje. Inclusive ele ainda tem essa foto, quando lemos a dedicatória, serve para darmos boas risadas de como eram intensas as paixões da adolescência!

No ensino médio não poderia ser diferente, mas dessa vez a paixão não foi por um colega ou um professor, mas sim por um amigo de uma grande amiga minha. Essa paixão foi mais duradoura pois além dele alimentar esperanças (talvez só na minha cabeça, rsrs), as amigas insistiam demais e me faziam acreditar em minha ilusão. Por isso, passei todo o ensino médio tentando conquistar essa paixão não correspondida. Não podia ter festa, encontro de amigos ou mesmo uma missa para não dar um jeito de conversar, dançar ou mesmo beber com ele. Mas um dia a grande revelação veio: Ele não queria nada comigo. E não podia ter escolhido pior dia para revelar. Eis que resolveu me dizer que eu não tinha chance no dia de minha colação de grau do ensino médio. Aí já sabe! Adolescente! Rompimento! Bebida! Resultado: Terminei por beber meu primeiro porre da vida e passar vergonha por praticamente toda a noite de festa!

No dia seguinte veio a vontade de sumir, mas como não podia, o jeito foi enfrentar a realidade. Então prometi a mim mesma nunca mais me apaixonar daquele jeito. Será que consegui? Isso nunca revelarei a ninguém!

A CASA AMARELA

Desde que nasci no distrito de Ingazeiras, minha primeira moradia com minha mãe, meu pai e minha irmã foi em uma casa amarela, localizada bem no meio do quarteirão da chamada popularmente de “Rua dos Teles” e, claro, que não tem esse nome oficialmente. Uns chamam de Rua da Caixa D’água, outros Rua do Comércio, enfim é mais uma rua de nosso Distrito. Onde eu morava em uma casa simples, com um quarto, duas salas, uma cozinha, uma despensa e uma área de serviço bem grande, tipo um corredor, mas pela qual sempre tive um grande carinho, pois além de passar praticamente toda a minha infância lá, quando casei minha segunda moradia também foi nela.

Eu e meus filhos sempre tivemos um vínculo bem forte com ela, pois eles assim como eu, moraram boa parte da infância lá. Só nos mudamos dessa casa para outro lugar, após a construção da nossa casa própria, que por coincidência ou desejo, terminamos pintando por dentro de amarelo. E quando nos mudamos para o Juazeiro não é que também mandamos pintar a casa para a qual iríamos nos mudar de amarelo. Não sei por que, mas parece que as coisas boas mantêm uma conexão com as cores!

Essa nova casa é bem mais ampla e somos muito felizes nela! Mas sempre nos pegamos pensando e falando como vivíamos naquela casa amarela, que hoje talvez nem amarela seja mais, mas em nossa memória ficará guardada para sempre como nossa querida e inesquecível casa amarela!

UM ANO DE MUITAS PERDAS

O ano de dois mil e um foi um ano muito triste para mim, pois perdi familiares muito importantes em minha vida. Diz o povo que não se deve contar coisas ruins, mas eu prefiro falar para poder aliviar um pouco a minha dor.

Em fevereiro meu irmão sofreu uma queda gravíssima de um muro, em São Paulo, onde estava morando há alguns anos, e terminou tendo um traumatismo craniano muito grave, passando quatro dias no hospital tentando se recuperar; mas infelizmente não resistiu e terminou falecendo. Foi um grande dissabor para toda família visto que ele tinha apenas vinte e sete anos e ninguém esperava perdê-lo tão precocemente. Todos nós sofremos, mas meu tio se lamentava muito por tê-lo deixado ir embora para tão longe. Ficava tentando imaginar que seria diferente se não tivesse ido, o que o fazia sofrer ainda mais.

Esse tio já vinha sofrendo desde o ano anterior, pois tinha sido candidato a vereador e perdido a eleição, o que foi muito decepcionante para ele. E com a morte do meu irmão ficou ainda mais sensível e em junho desse mesmo ano terminou por sofrer um infarto tão fulminante, que não foi permitido nem chegar ao hospital com vida. Foi outro grande choque para toda família, pois também não esperávamos perdê-lo tão novo, com pouco mais de sessenta anos.

E como se não bastasse essas duas perdas ainda tivemos que nos acostumar com o falecimento de minha tia, irmã desse tio que juntamente com ele tinha cuidado de mim desde a morte de minha mãe. Não foi um ano fácil! Mas conseguimos superar nos agarrando às pessoas próximas que faziam de tudo para que não nos sentíssemos tão desamparados e também no trabalho que terminava permitindo que o tempo passasse não tão lentamente quanto gostaríamos quando estamos tristes.

A REALIZAÇÃO

Tinha o desejo de ser professora efetiva do estado há algum tempo e em dois mil e três surgiu a oportunidade de realizar essa vontade, pois houve concurso do estado. Foi um concurso bem concorrido, mas consegui passar. Só que infelizmente dei ouvidos a algumas pessoas e terminei fazendo para a disciplina específica de Língua Portuguesa, a qual já ensinava há algum tempo e para a qual também tinha Especialização; entretanto não tinha licenciatura na área, pois era formada em Pedagogia. Então quando fui convocada não pude assumir e tive que pedir reclassificação, mas nunca fui chamada novamente, mesmo tendo cursado a licenciatura na área após a aprovação. Por isso coloquei na justiça para ser nomeada, uma vez que continuava trabalhando como professora temporária em uma vaga que deveria ser minha como efetiva. No entanto, quando ganhei a causa, já tinha passado muito tempo e já tinha sido aprovada novamente em um outro concurso do Estado.

Desta vez optei por vir trabalhar em uma escola de Juazeiro do Norte, no que fiz muito bem, pois após um ano na sala de aula já assumi um cargo de coordenação: Professora Coordenadora de Área de Linguagens, me saindo muito bem. É tanto que no ano seguinte fui convidada a me tornar coordenadora de uma escola de ensino médio, cargo no qual fiquei por mais de sete anos me afastando apenas para tratamento de saúde.

Mas me sinto muito realizada pois passei mais de vinte anos na sala de aula exercendo a profissão de professora, que sempre foi o que desejei enquanto profissional da educação e também tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de outros professores através da Coordenação Pedagógica, o que é sempre muito compensador já que também tenho um contato direto com alunos, pais, funcionários e outros membros da comunidade escolar.

EM OUTRO PAÍS

Nunca tinha pensado em viajar a outro país até que em dois mil e oito uma amiga me enviou uma propaganda de um Mestrado no Uruguai. Achei o programa bem interessante, visto que era em Política e Gestão da Educação, uma área com a qual me identificava muito, já tinha formação em Pedagogia e exercia a função de professora há alguns anos.

Fiz o projeto e realizei minha inscrição pensando que não seria aprovada, mas para minha surpresa quando saiu o resultado estava apta a cursar o mestrado. Menino, foi aquela empolgação, mas logo veio aquela pergunta tão importante quando se quer fazer um curso em outro país: Como vou me bancar lá durante esse mestrado? Na época já estava casada e tinha filhos, o que tornava tudo ainda mais difícil. Porém, quando falei com meu esposo ele disse que não podia deixar de fazer a matrícula, já que tinha passado não podia perder a oportunidade, reforçando que: “Você tem como pagar já que trabalha, nem que seja parcelado”. E foi assim mesmo que fiz!

Fiz a matrícula e comprei tudo parcelado no cartão para viagem. Deu tudo certo! Mas quando cheguei lá foi que vivi aventuras, pois não sabia falar espanhol e muito pouco entendia a língua. Era um sufoco para conseguir me fazer entender e entender o que as pessoas estavam falando no hotel e na rua. Aí já sabe, eu ria muito de tudo! Dei muitas e boas risadas! E ainda hoje dou, quando lembro de algumas situações. Graças a Deus que na faculdade tinha uma pessoa para fazer a tradução, tanto das aulas como das orientações dos professores. Se não seria difícil entender alguma coisa! Mas não desanimei, no dia seguinte já comprei um dicionário e comecei a estudar as principais expressões que usaria. Assim, o sofrimento mesmo foi só no primeiro dia. Imagine que teve um colega que terminou comendo com a mão porque não sabia como pedir um garfo ou uma colher e teve vergonha de falar para a gente. Foi muito engraçado quando o vimos com as mãos no prato, em pleno Montevideú, capital do Uruguai. Nos divertimos muito e ele também, ainda hoje quando nos encontramos recordamos todas essas aventuras.

Aos poucos fomos nos acostumando com a língua espanhola e embora não soubéssemos falar tão bem como eles, conseguíamos nos comunicar. Ao todo passamos mais de oitenta dias no Uruguai, sendo quatro viagens nos meses de janeiro e julho. Em uma delas fizemos até um passeio para “Colonia del Sacramento”, uma cidade linda e cheia de histórias onde nos divertimos muito e tiramos muitas fotos.

Também fizemos planos para ir a Buenos Aires que era bem próxima, mas como era uma viagem muito cara e de navio, infelizmente não conseguimos. Um dia quem sabe! Espero ter essa oportunidade ainda...

O AMIGO INSEPARÁVEL

Quando morava e ensinava no Distrito de Ingazeiras, adotamos um cachorrinho preto, cujo nome era Pluto. Era um cachorrinho pequeno, mas de pelo bem pretinho e olhinhos redondos e atentos, que conquistava todo mundo. Não era de raça, mas era bem gordinho e tão fofinho que todos gostavam dele como se fosse. Também tínhamos o maior cuidado com ele.

Era muito apegado a mim, e para onde eu ia, ele estava no meu pé. Com isso, terminava me seguindo até a escola onde trabalhava e não se contentava em ficar do lado de fora. Chorava tanto no portão que o guarda terminava deixando-o entrar. E ele saía me procurando pelas salas até encontrar. Quando isso acontecia ele entrava e ficava deitado do lado direito da lousa até a aula terminar. E se fechássemos a porta antes dele chegar, ficava deitado na porta do lado de fora.

Os alunos achavam interessante porque ele não latia com ninguém, tinha turma que os meninos até diziam que ele era mais um colega de sala, de tão atento que ficava. E quando chegava alguém me procurando que não me conhecia, diziam logo: é a que está na sala que tem um cachorrinho preto na porta!

Porém, eis que um dia quando ele estava saindo para ir ao meu encontro na escola, não prestou a atenção devida ao sair de casa e terminou sendo atropelado por um ônibus. Tentaram salvá-lo, mas infelizmente o choque foi muito forte e ele não resistiu. Passamos muito tempo tristes sem nos acostumarmos com sua falta, por isso resolvemos adotar outro para amenizar um pouco a saudade, pois esquecer, não o esqueceremos jamais!

A DECEPÇÃO

Em dois mil e dez, influenciada por uma colega, resolvi concorrer à eleição de diretor da escola estadual na qual trabalhava, pois segundo ela e todos com quem conversava teria grandes chances de me eleger. Ainda mais que ela disse que iria me apoiar e ser minha coordenadora, caso ganhasse. Mas não imaginam o tamanho da decepção que senti quando estava no meio da campanha e ela me abandonou deixando-me sozinha para conseguir os votos.

E como se não bastasse ainda teve alguns familiares que se negaram a me apoiar por dizerem que também eram amigos do outro candidato. Como assim? Eu, um membro da família teria o mesmo peso de um amigo! Fiquei muito triste e decepcionada e sinceramente só não desisti porque não sou de largar as coisas no meio do caminho. Além do mais tinha o apoio bem acalorado de alguns alunos, que me faziam acreditar que não eram só eles. Então prossegui até o final da campanha ciente que teria uma boa quantidade de votos, poderia até perder, mas com certeza não seria por uma diferença tão grande!

Grande ilusão! No dia da eleição esperamos ansiosos o resultado da apuração, pensando que estávamos no páreo. Que páreo que nada, perdi com uma diferença avassaladora de votos e para completar vários alunos que votaram no outro candidato ainda se juntaram na frente da escola, onde ocorreu a votação para “tirarem onda” de minha insignificante votação. Foi um dia muito difícil! Chorei demais e me prometi nunca mais me meter em um negócio desse. E quando uma aluna veio me dizer em tom de deboche que eu iria ser sua professora, respondi que não, pois não ficaria lá! E Deus é tão bom que realmente não fiquei, pouco tempo depois passei no concurso e vim morar em Juazeiro.

Entretanto, ainda tive grandes alegrias nessa escola, pois mesmo perdendo a eleição as pessoas não desistiram de me ver na gestão e resolveram fazer um abaixo-assinado para que o diretor eleito me chamasse para ser sua coordenadora. Imagina se faria uma coisa dessas! Mas mesmo assim, fiquei muito feliz pois mesmo sem ter ganho a eleição as pessoas me mostraram com esse abaixo-assinado o quanto acreditavam em mim e queriam o meu crescimento. Agradeço até hoje a todos eles por isso! Inclusive guardei uma cópia desse documento como lembrança!

UMA APROVAÇÃO, GRANDES DESILUSÕES

Em dezembro de dois mil e quinze tive a felicidade de passar em uma seleção para a direção de uma escola de educação profissional prestes a ser inaugurada em Caririçu. Foi uma seleção bem rigorosa, onde passamos por quatro etapas: primeiro teve uma avaliação escrita, depois uma documental, em seguida uma comportamental e para finalizar uma entrevista. Por isso, ser aprovada foi motivo de muita comemoração. E foi isso que aconteceu, comemoramos muito pensando que realizaria um sonho antigo: assumir a direção de uma escola sem precisar que ninguém influente indicasse e ainda daria esperança para as pessoas que acreditam que apenas com estudo pode-se chegar aonde se deseja. Mas não podem imaginar o tamanho da minha decepção ao chegar o início de 2016 e receber a notícia de que a escola não seria inaugurada naquele ano, pois ainda faltava muito para concluir! E assim também aconteceu em 2017 e 2018. Cheguei a ir visitar a obra algumas vezes, pensando que assumiria o tão sonhado cargo de diretora de uma escola recém-inaugurada e com a possibilidade de realizar grandes projetos para a educação caririçuense.

Entretanto, isso não aconteceu, pois foi inaugurada apenas em 2019, quando já não pude assumir por motivos de doença. Não sei os motivos pelos quais a obra demorou tanto a ser concluída, o que sei é que quando realmente resolveram inaugurar a escola eu já não poderia assumir, pois estava prestes a realizar uma cirurgia de troca valvar, que teria uma recuperação bem delicada e demorada e meu compromisso com a educação não permitiria assumir uma responsabilidade que não pudesse cumprir. Então, com muita tristeza renunciei ao cargo que lutara tanto para conquistar, assinando um Termo de Desistência.

Já tinha imaginado muitas vezes trabalhando nessa escola como diretora. Inclusive cheguei a fazer umas três visitas para ver como estavam as obras, mas infelizmente essas visitas foi tudo o que pude fazer. E mais uma vez o desejo de ser diretora ficou para trás... Nunca tinha sonhado com essa possibilidade, mas quando surgiu senti esse desejo. Quem sabe um dia ainda terei essa oportunidade, se não nessa, mas em outra escola que possa ser construída ou inaugurada!

A DESCOBERTA

Em dois mil e catorze descobri, após comer um peixe, durante um almoço, na escola na qual trabalhava, que estava doente. Pensei que era uma coisinha simples, qualquer problema estomacal que resolvesse com um chazinho, mas quando o médico que me atendeu disse que teria que procurar um especialista do fígado, pois não tinha certeza, mas acreditava que eu estava com uma doença que precisaria de acompanhamento.

Procurei um gastroenterologista, que após solicitar vários exames concluiu que tenho uma doença hereditária incurável, a doença policística do adulto, no meu caso, com maior prejuízo no fígado, o que de certo modo é bom, porque o fígado é regenerável. Mas nem por isso, pode-se facilitar. Tive que ficar em acompanhamento com um especialista e com a evolução rápida da doença, após dois anos tive até que fazer um procedimento cirúrgico chamado de destelhamento de cistos hepáticos, que infelizmente continuaram crescendo e terminou gerando uma hérnia umbilical, que foi corrigida em dois mil e dezessete. Mas infelizmente pouco tempo depois voltou e em dois mil e dezoito, teve que ser feita uma nova correção, só que agora colocando uma tela para diminuir as possibilidades de voltar.

Não adiantou muito, pois como os cistos continuavam aumentando, ela terminou voltando novamente. Só que dessa vez o médico recomendou não corrigir, já que os cistos estão crescendo é melhor esperar eles se estabilizarem ou fazer um transplante.

UM MILAGRE

Em setembro de dois mil e dezesseis, tive que fazer uns exames para fazer um procedimento cirúrgico no fígado, no Hospital das Clínicas em Fortaleza. Como se não bastasse a necessidade de fazer uma cirurgia no fígado, eis que descubro mais um problema de saúde: Insuficiência Cardíaca; mas graças a Deus estava no grau leve e não atrapalharia a minha cirurgia.

Tudo correu bem durante o procedimento, mas após ter alta e ir para casa minha barriga começou a inchar e ficar enorme. Não sentia febre e nem dor, graças a Deus, mas ficava muito cansada e sem fôlego, mal conseguia andar com um aquele barrigão enorme.

Minha vizinha, sempre assistia ao Programa Experiência de Deus e todos os dias levava a água benta para eu tomar. Então também passei a acompanhar o programa e pedir a Deus para que me curasse. Além de assistir esse programa, também passamos a rezar a novena das mãos ensanguentadas de Jesus. Mas a cada dia a barriga ficava maior, parecia uma gravidez de uns seis meses e os médicos não conseguiam descobrir o motivo.

Cada vez que ia à Fortaleza eram exames e mais exames que eram solicitados e o diagnóstico da causa desse líquido não era descoberto e a barriga continuava crescendo e eu perdendo peso. Um dia o médico resolveu retirar a água para melhorar minha respiração, através de um procedimento cirúrgico, tirando um litro e duzentos de líquido ascítico. Mas informou-me com muita tristeza que nunca mais minha barriga voltaria ao normal. Fiquei desolada!

Chorei muito, pois parecia uma grávida, só que com uma diferença: muito magra! Nas filas dos locais nos quais ia, as pessoas queriam até me dar a vez pensando isso. Muitas vezes até me perguntava com quantos meses estava. Entretanto, não perdi a esperança e nem a alegria. Todos os dias pedia com fé a Deus e ao meu Santo Expedito, que minha barriga diminuísse, rezando com muita fé a oração de Santo Expedito, de quem sou devota. E aconteceu o que eu tanto queria, com a graça de Deus, de Santo Expedito e Jesus das Santas Chagas e de todos os médicos que me acompanham até hoje, minha barriga voltou ao normal e nunca mais criou líquido, deixando todos os médicos admirados com tamanha evolução! Então só me resta dizer: Muito obrigada, meu Senhor Jesus! Muito obrigada, meu Santo Expedito! Muito obrigada a todos os médicos que me acompanharam ou acompanham desde 2014: Cardiologista: Dr. Ricardo Sampaio; Gastroenterologista: Dr. Antônio Nilton; Clínico Geral: Dr. Edglê Pedro; Cirurgião Cardíaco: Dr. Paulo; Hepatologistas: Dr. Huygenes e Dr. Elam Sampaio e seus residentes: Dr. José Francisco e Dr. Gabriel; e a Nefrologista: Dra. Anaiara, que me atendiam ou ainda me atendem com toda atenção e zelo.

OUTRO MILAGRE

Em dois mil e dezenove tive que fazer mais uma cirurgia, dessa vez no coração: substituição da válvula mitral, pois tinha evoluído do grau leve para grave. Segundo os médicos seria um procedimento simples, sem muitos riscos, já que todos os meus exames estavam normais. Inicialmente seria realizada em Fortaleza, mas os médicos que me acompanhavam falaram da possibilidade de poder ser realizada em Barbalha, com a mesma segurança que teria na capital. Então decidi fazer no local mais próximo.

Fui internada no dia 17(dezessete) de maio e no dia 20 (vinte) às oito horas iniciou-se a cirurgia, que terminou às 11:30 (onze horas e trinta minutos). Correu tudo bem durante o procedimento e com vinte e quatro horas já saí da UTI (Unidade de Terapia Intensiva) e fui para a enfermaria. Fiquei muito feliz porque nesse espaço poderia ficar com acompanhante, mas infelizmente a alegria durou pouco.

No dia 24 (vinte e quatro) de maio estava muito cansada e quando os médicos pediram para fazer o raio x confirmou-se o que previram: estava com derrame pleural (água nos pulmões), então fui informada que realizaria um pequeno procedimento para fazer a retirada. Mas fui tranquila porque achava que teria anestesia, e de fato teve, mas não como esperava. Colocaram a anestesia no local onde seria feito o acesso, mas vocês não imaginam o quanto doeu quando inseriram o instrumento para a retirada do líquido, e ainda mais quando estavam retirando, era como se estivesse rasgando minhas costelas... Chorei mesmo e não foi pouco. Ainda bem que tinha um estagiário que pegou na minha mão e me deu forças para aguentar. E deu certo! Mesmo com muita dor e choro o líquido foi retirado. Mas depois disso infelizmente não tive como fugir, nessa mesma tarde passei muito mal e tive um desmaio sendo levada às pressas para emergência. Foi horrível! Me jogaram em uma maca e só vi aquela correria com luzes passando rapidamente em minha visão e apaguei novamente!

Quando acordei vi algumas pessoas rezando o ofício, das quais conhecia duas; minha filha com cara de choro e os médicos com semblante aliviado. Perguntaram se estava sentindo alguma coisa e disse que estava só com um pouco de frio. Então eles chamaram o maqueiro para me levar de volta para o quarto, onde só passei o restante da noite, pois estava com os pés e as mãos muito inchados e roxos, além de muitas, muitas dores nas costas e no tórax. Era como se estivessem me partindo ao meio. Nunca sentira tanta dor!

Na manhã do dia seguinte, o médico foi me visitar e disse que infelizmente eu teria que voltar para UTI e tomar cinco bolsas de sangue, já que estava com as plaquetas muito baixas. Um médico teve que passar a noite ao meu lado com medo que passasse muito mal novamente. Acreditem! Ele passou a noite toda sentado em uma poltrona em frente à minha cama para qualquer eventualidade! Admiro cada dia mais os médicos e profissionais que atuam nos hospitais!

Fiquei por mais alguns dias na UTI, visto que além de tudo que estava sentindo ainda apareceu uma tosse tão insistente que mal podia falar. E o pior que não melhorava! Então no dia 31 (trinta e um) de maio estava passando uma missa de Nossa Senhora de Fátima na televisão da UTI, pedi com muita fé para ficar boa daquela tosse, prometendo inclusive uma missa se melhorasse. E alcancei essa graça! Porém só fiquei feliz mesmo quando voltei para a enfermaria no início de junho, na qual passei só três dias quando saí da UTI.

AS LIMITAÇÕES

Após quatro cirurgias: 2016, 2017, 2018, 2019, vieram muitas limitações e tive que me afastar do meu trabalho que tanto gostava. E precisei deixar de fazer meus afazeres domésticos porque fiquei alguns anos sem poder fazer nenhum esforço: não podia pegar peso, não podia me abaixar, não podia comer quase nada, nem dirigir.

Também tive que me acostumar a depender dos outros para tudo, no início até para pentear os cabelos: Passei exatos três meses para poder voltar a pentear meus cabelos; porém, com o tempo o médico foi liberando para fazer algumas coisas: dirigir, caminhar, sair sozinha... Até hoje continuo com algumas restrições, mas a maioria é só alimentar mesmo. E como inicialmente os médicos disseram que não iria mais poder trabalhar, foi uma grande felicidade conseguir com a realização do tratamento voltar à vida “praticamente normal” em 2022, inclusive voltando a trabalhar normalmente.

Claro que não posso fazer grandes esforços, mas consigo desenvolver minhas atividades com a mesma qualidade de antes das cirurgias.

A PANDEMIA

Sempre falei que um dia escreveria um livro contando um pouco de minha história, mas como trabalhava trezentas horas ficava deixando para depois... Quando tivesse mais tempo. E esse tempo nunca aparecia... Até que em 2020 veio a triste realidade: Eis que no mês de fevereiro surge um vírus terrível que mata milhares de pessoas em todos os cantos do mundo e que obriga o povo a ficar em casa para poder diminuir o número de transmissão e de mortes. Tempo que aproveitei para colocar em prática a escrita deste livro.

Inicialmente pensávamos que essa triste doença não chegaria em nosso país, pois teve início em países muito distantes, mera ilusão! Celebramos o carnaval como se não existisse essa doença. Entretanto, não demorou muito para que chegasse ao Brasil e em fevereiro já surgiram os primeiros casos. Ficamos bem preocupados, mas ainda sem medo.

Porém em março a situação piorou e tivemos que ficar em *lockdown*, ou seja, sair só para os serviços essenciais.

Era muito grande o número de mortes diariamente e mais ainda o aumento do número de casos. Os hospitais estavam superlotados e não tinha como atender a todos os doentes. Tinha gente que morria sem conseguir vaga no hospital, uma tristeza! Sem falar nos que morreram por falta de oxigênio em alguns lugares! Eram tantas mortes que em alguns estados tiveram que realizar enterros em mutirão, sem direito a funeral ou qualquer tipo de acompanhamento. Desolador!

Incontáveis pessoas se juntaram, mesmo com a Covid-19 chegando ao nosso estado, para doar e ajudar os atingidos. Se formaram correntes de orações por eles. Louvado seja Deus por tantos gestos de caridade! Era um tempo difícil, uma ferida que irá cicatrizar, mas não sumirá, pois nada voltará a ser como era antes.

Entretanto, agora já se vê uma luz no fim do túnel, visto que as vacinas já foram descobertas e a maioria da população mundial já está imunizada, diminuindo significativamente o número de mortes. Porém infelizmente ainda existem aqueles que são contra a vacinação, espalhando uma onda de *fakenews* e desinformação no Brasil e no mundo! Além dos que continuam se negando a tomar a vacina, o que atrapalha o processo de imunização; mas, graças a Deus a doença está controlada.

UM GRANDE AMOR

Ser amada sempre foi um grande desejo que tive, talvez como toda mulher o tenha. Pensava que amor verdadeiro seria só de um homem, mas a vida me ensinou que o maior amor que podemos ter é de nossos filhos. Eles sempre estão ao nosso lado, mesmo que não concordem com todas as nossas opiniões, ações e desejos.

Fazem tudo para nos verem felizes, seja na saúde, na doença, na alegria, na tristeza, na bonança ou nas dificuldades, não importa! Estarão sempre ali para apoiar e ajudar no que você precisar!

Pode ser um, dois ou três, como os que tenho, de sangue, o amor é o mesmo! Sem falar nos do coração, que são inúmeros e nos escolheram para essa função por afinidade, necessidade, amor ou mesmo gratidão!

Tem gente que diz não existir um amor igual para todos, mas afirmo com toda convicção que existe sim e que ninguém nunca poderá fazê-lo diminuir, pois é algo tão forte, que mesmo que você não seja mãe biológica você é capaz de sentir e demonstrar a força desse amor!

É um elo que nem o tempo, nem a idade, nem a distância, nem mesmo as injustiças são capazes de diminuir! Tudo que você faz, faz pensando em vê-los bem, felizes e satisfeitos! Talvez não consiga sempre, mas com certeza sempre dará o seu melhor para vê-los felizes, mesmo que não sejam filhos de sangue, o serão de coração!

CINQUENTA ANOS

Desde que comecei a trabalhar tinha o sonho de fazer meu aniversário de cinquenta anos, que seria com todos os meus familiares em maio de dois mil e vinte e um, mas infelizmente com a pandemia tornou-se praticamente impossível, pois nesse mês o contágio do coronavírus estava em alta e não podia haver nenhum evento ou qualquer tipo de aglomeração, para minha tristeza!

Fiquei na esperança do cenário melhorar e fazer no mês de julho, pois já tinha começado a vacinação e a tendência era diminuir os números de casos e as festas serem liberadas. Entretanto isso não aconteceu. Até teve algumas liberações para eventos, mas não para a quantidade de pessoas que eu gostaria. Então pensei comigo, vou deixar para outubro, que é o mês do professor e como sou professora, faço no dia em que se comemora esta data tão significativa para mim. Porém, não consegui porque ainda havia muitos casos, inclusive em pessoas da família. Muito triste desisti de fazer nesse mês novamente!

Então quando chegou dezembro, falei para mim mesma, é agora ou nunca! Conversei com minhas filhas e tentei convencê-las a fazer como tinha planejado, mas elas não concordaram porque sou do grupo de risco e com tanta gente seria muito arriscado. No início até disseram que não deixariam de jeito nenhum! Pense na decepção, mas fiz uma chorradeira tão grande que terminaram por permitir, mas com um número bem restrito de pessoas! Porém, foi bom demais!

Como já tinha tudo planejado, foi só colocar em prática! Contratei um buffet, aluguei uma chácara, encomendei as lembrancinhas e os doces, fiz a lista de convidados e enviei os convites. Pronto! Agora era só esperar o grande dia! Escolhi a noite de Natal porque como seria só com familiares já ficaria como confraternização. Foi uma noite maravilhosa!

Tudo estava do jeito que sonhei, uma festa linda com tudo que eu tinha pensado! Mas não é que um pouquinho antes dos parabéns um carro bateu em um poste de uma das avenidas do bairro e faltou energia. Porém não desanimei, servimos o jantar e cantamos os parabéns à luz de velas! Isso mesmo, à luz de velas! Foi algo inusitado e ao mesmo tempo inesquecível. Teve até um noivado surpresa de minha filha. E mesmo sem energia passamos praticamente toda a noite comendo e bebendo. Pense numa festa boa e na satisfação de ver um sonho realizado!

REFERÊNCIAS

ALVES, M. **Rolinhas lembram pequenos pombos e podem ser facilmente encontradas**. Atualizado em: 13.10.2020. Disponível em: <https://www.agro20.com.br/rolinhas/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

DICIO. **Dicionário On line de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MARIA FRANCIMAR TELES DE SOUZA - Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Sertão Pernambucano, IFSertão/PE – Brasil (2023) e em Política e Gestão da Educação pelo Instituto Universitário CLAEH - Uruguai (2012). É graduada em Pedagogia - Licenciatura Plena pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2001), em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (2007) e em Letras - Espanhol pela Universidade Federal do Ceará (2014). Especialista em Língua Portuguesa e Arte Educação pela Universidade Regional do Cariri, Gestão Escolar pela Faculdade de Juazeiro do Norte e Gestão da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente é professora da Escola de Ensino Fundamental Antônio Teles de Pontes e da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Alaíde Silva Santos. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e desenvolve projetos voltados para o Meio Ambiente, Sustentabilidade, Matemática e Literatura de Cordel.

CINQUENTA E

DOIS ANOS

DE

EMOÇÃO



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2024

CINQUENTA E DOIS ANOS DE EMOÇÃO

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2024